

Na improvisação feita inicialmente, os participantes relataram as expectativas sentidas no primeiro dia de aula ou no início da carreira. Todos, com exceção da Joana, sentiram-se inseguros, angustiados, com medo, muita expectativa, euforia. Todos gostaram de relembrar o passado e voltar no tempo. Alguns participantes se lembraram de alguns grupos de trabalho de que já participaram como professores, e se sentiram satisfeitos com essas lembranças.

Na improvisação feita no segundo momento, os participantes relataram a segurança que sentem como professores na atualidade, já não se sentem tão inseguros como no início da carreira. Com exceção da Joana todos comentaram o mérito e a responsabilidade de ser professor. Joana trouxe em sua fala a insatisfação que está sentindo no momento atual. Disse estar passando por um momento de desânimo, sem expectativas.

O grupo falou sobre o valor de estarem envolvidos com algum grupo de produção que reforce o lado artístico de cada um. Relataram ainda que a experiência da improvisação foi muito rica; eles puderam se expressar livremente, algo de que às vezes sentem falta.

Leitura musicoterapêutica

Os dois momentos vivenciados pelos participantes foram diferentes um do outro. No primeiro eles tocaram de forma aleatória, fazendo integração grupal raramente, ainda com pouco entrosamento. Isso demonstrou claramente a insegurança e o medo vividos no início da carreira. Os participantes falaram das dificuldades do início da carreira em assumirem uma sala de aula, bem como para se adequarem aos padrões e regras existentes na escola.

Chegaram à conclusão de que um professor precisa ter muita flexibilidade no ambiente de trabalho e considerar os acasos que possam surgir. Já no segundo momento, eles começaram de forma integrada; utilizaram a voz o tempo todo. As lideranças foram passando de um a um. O grupo acompanhava cada liderança. Os participantes expressaram satisfação e alegria no segundo momento da improvisação. À medida que as músicas foram surgindo, conseguiram se soltar e interagir.

Alguns participantes demonstraram resistência em cantar a música “Minha mulher não deixa não”; na hora do fechamento da sessão os próprios participantes (resistentes) perceberam o preconceito que tiveram em relação à música. Dentro do processo grupal, sentiram a necessidade de aceitar o outro como ele é e não como gostariam que fossem. Trouxeram, em suas falas, a importância de se considerar o que o outro acha importante. Conseguiram fazer uma conexão com a prática de sala de aula e perceberam que cada aluno é único, portanto, diferente e precisa ser respeitado em suas diferenças.

Em consonância com a Teoria da Complexidade, Morin (2007) enfatiza que “o respeito à diversidade é um dos exercícios da complexidade” (p.95). O mesmo autor esclarece que a diversidade tem uma relação intrincada com a ordem e a desordem. Ele considera que “a ordem é um constrangimento arbitrário imposto a esta diversidade, e que a desordem é a dispersão generalizada da diversidade” (p. 95).

No processo grupal exposto nos dois momentos da improvisação musical durante essa sessão, foi possível perceber os conceitos de ordem e desordem gerados pela diversidade musical de cada participante. O primeiro momento da improvisação trouxe aos participantes a sensação de caos (desordem) gerada pela pouca integração do grupo; cada participante deveria verbalizar como se sentiu profissionalmente no início da carreira. A maioria deles teve dificuldades de se expressar. O grupo começou a interagir, inicialmente de forma aleatória. O fator “desordem” ficou expresso durante o primeiro instante dessa atividade, exatamente como os professores se sentiam no início da carreira.

No segundo momento da improvisação, os componentes do grupo conseguiram interagir várias vezes. A desordem, as incertezas, os acasos e os programas deram espaço à organização e às estratégias. Os participantes demonstraram musicalmente como se sentiam sendo professores na atualidade. Tocaram e cantaram de forma mais estruturada: mais seguros e preparados.

Um dado que chamou a atenção nesse processo foi o seguinte: apenas uma das participantes sentiu o contrário dos demais. Por meio desse dado, o grupo percebeu a diversidade ali exposta. Essa participante esclareceu que estava vivendo um momento de insatisfação profissional. Por causa disso, ela não conseguiu

interagir totalmente com o grupo. Permaneceu afastada, embora ainda tenha se aproximado algumas vezes, tentando interagir.

Letras das músicas trazidas durante a improvisação musical realizada pelos participantes no segundo momento da Sessão 3.

Trem das onze

Adoniran Barbosa

*Não posso ficar
Nem mais um minuto com você
Sinto muito amor
Mas não pode ser
Moro em Jaçanã
Se eu perder esse trem
Que sai agora às onze horas
Só amanhã de manhã*

*E além disso mulher
Tem outra coisa
Minha mãe não dorme
Enquanto eu não chegar
Sou filho único
Tenho minha casa pra olhar*

Tiro ao Álvaro

Oswaldo Moles e Adoniran Barbosa

*De tanto leva "frechada" do teu olhar
Meu peito até parece sabe o quê?
"Táubua" de tiro ao Álvaro
Não tem mais onde fura
Teu olhar mata mais do que bala de carabina*

*Que veneno estriquinina
Que peixeira de baiano
Teu olhar mata mais que atropelamento de
"automóvel"
Mata mais que bala de "revólver"*

Lambada de Serpente

Djavan

*Cuidá dum pé de milho
Que demora na semente
meu pai disse meu filho, noite fria,
tempo quente
Lambada de serpente
A traição me enfeitiçou
Quem tem amor ausente já viveu
a minha dor*

*No chão da minha terra
Um lamento de corrente
Um grão de pé de guerra
Pra colher dente por dente
Lambada de serpente
A traição me enfeitiçou
Quem tem amor ausente já viveu
a minha dor*

Minha mulher não deixa não

Reginho

*Ei! Tu quer beber? Não quero, não.
Não quer por quê? Por nada não.
Tu quer fumar? Han, han.
Não quer por quê?
Vou não, quero não, posso não,
Minha mulher não deixa, não.
Não vou não, quero não. (3 x)
Ei! No meu fusquinha, vamos sai?
No Bar Central, DJ Sandro toca lá.
E aí, lá em Marly, tem cabeça de gado! Venha!*

***Vou não, quero não, posso não**
Minha mulher não deixa, não
Não vou não, quero não (3 x)
Ei! Vem duas nega!
E aí? Vamos arrastar?
No Xanadu a gente bota o bicho lá!
Quem és tu? És boiolão?
Tu vai ou não?
Vou não, quero não, posso não
Minha mulher não deixa, não
Não vou não, quero não (3 x)*

Sessão 4 – (06-05-2011)

Professores participantes: Karina, Gilberto, Eliane, Lara, Márcia e Flavio (6).

Aquecimento:

Alongamento corporal.

Desenvolvimento:

Audição musical: os participantes ouviram uma seleção de músicas (as mesmas trazidas na sessão 2): “Nona sinfonia”, “Trem das onze”, “Tiro ao Álvaro”, “Lambada de serpente” e “Minha mulher não deixa não” e, por último, escutaram novamente na “9ª Sinfonia”. Antes de ouvirem as músicas foi pedido que cada um percebesse as sensações, sentimentos e imagem que pudessem surgir durante a escuta.

Fechamento e Observações da Musicoterapeuta:

Os participantes falaram o que sentiram ao ouvir essas músicas. Alguns descreveram imagens, sensações, sentimentos. O grupo mais uma vez trouxe em sua fala a necessidade de respeitar o gosto alheio, principalmente por causa da música “Minha mulher não deixa não”. O grupo sentiu falta dos participantes ausentes (dois) e estava vivendo um momento de insegurança no trabalho em relação à carga horária, o que trouxe um sentimento de incerteza para todos. Eles não sabiam se continuariam naquela instituição.

Sobre a audição, os componentes da equipe manifestaram interesse em participar dessa vivência apesar de não gostarem de uma das músicas. Observaram com mais atenção as letras das músicas ouvidas e refletiram sobre a mensagem contida nas letras. Chegaram à conclusão de que nem sempre o gosto do outro é igual ao deles, principalmente porque o outro é diferente, possui preferências que condizem à história de vida de cada um. Discutiram sobre o preconceito trazido pelos próprios músicos quando se trata da música de massa, e que se deve também aceitar essa música porque ela faz parte do cotidiano dos alunos e das pessoas em geral.

Em relação à música “Lambada de serpente”, o grupo discutiu o cuidado que se deve ter com as coisas e com o outro. Alguns trouxeram a importância do ensino, da espera e do amadurecimento ao longo da carreira. Falaram ainda da questão da traição,

mencionada na música, e que é preciso estar preparado para lidar com tais adversidades. Discutiram acerca da traição dentro do ambiente de trabalho e da dificuldade em lidar com essas situações.

Na música “Trem das onze” o grupo relatou a dificuldade de assumir as coisas que cada um deseja. No ambiente de trabalho e na vida familiar, as pessoas tem mais facilidades em culpar o outro ou até mesmo responsabilizá-lo em vez de assumir o que dizem e o que fazem. Refletindo sobre a música “Minha mulher não deixa não”, os participantes falaram sobre as influências da sociedade pós-moderna que procura colocar as pessoas dentro de um padrão; quem está fora desse padrão automaticamente é excluído ou comparado a algo ruim. Por exemplo: na música, a palavra “boiolão” denomina o homem que não “fica” com várias mulheres. Ao final, o grupo dançou a música “Tiro ao Alvaro”.

Leitura musicoterapêutica:

Durante a experiência da audição musical, os participantes tiveram a oportunidade de refletir sobre a valorização e aceitação do outro e o respeito às diferenças. Discutiram ainda o significado do respeito às diferenças e como esse processo acontece dentro da sala de aula. A experiência da audição musical auxiliou o grupo a perceber e receber as músicas trazidas pelos participantes. Quanto aos principais objetivos da audição musical, Bruscia (2000) assim esclarece:

- 1)- Promover a receptividade; evocar respostas corporais específicas.
- 2)- Estimular ou relaxar.
- 3)- Desenvolver habilidades audio-motoras.
- 4)- Evocar estados e experiências afetivas.
- 5)- Explorar idéias e pensamentos.
- 6)- Facilitar a memória, as reminiscências e as regressões.
- 7)- Evocar fantasias e a imaginação.
- 8)- Estabelecer uma conexão entre o ouvinte ou grupo comunitário ou sócio-cultural.
- 9)- Estimular experiências espirituais (p.129).

Por meio dessa experiência, o grupo conseguiu ampliar sua visão no que diz respeito aos preconceitos, à diversidade e à aceitação do outro tal com ele é. A equipe demonstrou compreensão e aceitação pelas músicas trazidas por todos. Mesmo aqueles participantes que, no primeiro momento, “criticaram” a escolha de “Minha mulher não deixa não”, num segundo momento conseguiram extrair algo positivo dessa música, sendo que a própria letra trouxe aspectos relacionados à aceitação ou negação de algo.

O grupo refletiu sobre as possibilidades de se trabalharem as músicas trazidas pelos próprios alunos. Geralmente, no contexto escolar, os alunos sentem empatia pelas

músicas midiáticas (músicas do momento, focadas pela mídia: TV, rádio, internet e outros). Essa discussão tornou-se enfática no grupo, principalmente pelos dois professores de música participantes da pesquisa. A partir dessas discussões, passaram a compreender que vários aspectos podem ser trabalhados até mesmo por meio da música midiática. A intenção de utilizar a música midiática em sala de aula não é de criticar, nem gerar preconceitos, mas sim refletir sobre as ideias contidas na letra da música em questão.

Os professores de outras linguagens da arte (teatro, dança e artes visuais) concordaram com essa ideia, e os pensamentos do grupo referentes ao preconceito com determinadas músicas começaram a mudar. A partir dessa sessão, o grupo ficou mais cuidadoso ao falar, preocupando-se sempre em respeitar o gosto alheio. Os participantes perceberam que cada um tem sua preferência musical, mas todos devem ser respeitados.

Morin (2011b) chama a atenção para a necessidade de se ensinar a compreensão. O autor afirma que compreender o outro inclui, necessariamente, um processo de empatia, identificação e projeção. “Sempre intersubjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade” (p.82). O autor esclarece que os obstáculos exteriores à compreensão intelectual ou objetiva são múltiplos. Assim, a compreensão do sentido das palavras de outrem, de suas ideias, de sua visão de mundo está sempre ameaçada por todos os lados:

Existe um ‘ruído’ que parasita a informação da transmissão, cria o mal-entendido ou o não entendido; existe a polissemia de uma noção que, enunciada em um sentido, é entendida de outra forma; existe a ignorância de ritos e costumes do outro, especialmente dos ritos de cortesia, o que leva a ofender inconscientemente ou a desqualificar a si mesmo perante o outro; existe frequentemente a impossibilidade, no âmago do mundo, de compreender as idéias ou os argumentos de outra visão do mundo, como de resto no âmago da filosofia, de compreender outra filosofia; existe enfim, e sobretudo, a impossibilidade de compreensão de uma estrutura mental em relação a outra (p.83).

Morin (2011b) afirma que os obstáculos intrínsecos à compreensão são enormes; são não somente a indiferença, mas também o egocentrismo, o etnocentrismo, o sociocentrismo que têm como traço comum situar-se no centro do mundo e considerar como secundário, insignificante ou hostil tudo o que é estranho ou distante. De acordo com o autor, o egocentrismo cultiva a *self-deception*. O termo *self-deception* significa a tapeação de si próprio, provocada pela autojustificação, pela autoglorificação e pela tendência de jogar sobre outrem a causa de todos os males.

A self-deception é um jogo rotativo complexo de mentira, sinceridade, convicção, duplicidade, que nos leva a perceber, de modo pejorativo, as palavras ou os atos alheios, a selecionar o que lhes é desfavorável, eliminar o que lhes é favorável, selecionar as lembranças gratificantes, eliminar ou transformar o desonroso (p.84).

A self-deception está relacionada à incompreensão do indivíduo consigo mesmo. Morin (2011b) afirma que a incompreensão de si é fonte da incompreensão do outro. “Mascaram-se as próprias carências e fraquezas, o que nos torna implacáveis com as carências e as fraquezas dos outros”(p.84).

De conformidade com o autor, além do egocentrismo, o etnocentrismo e o sociocentrismo nutrem as xenofobias e os racismos:

As idéias preconcebidas, as racionalizações com base em premissas arbitrárias, a auto-justificação frenética, a incapacidade de auto-criticar-se, os raciocínios paranóicos, a arrogância, a recusa, o desprezo, a fabricação e a condenação de culpados são as causas e as inconseqüências das piores incompreensões, oriundas tanto do egocentrismo quanto do etnocentrismo.

Dessa maneira, a incompreensão passa pela ideia recursiva, pois produz o embrutecimento, como esse a produz. Assim, a incapacidade de conceber o complexo e reduzir o conhecimento de um conjunto ao conhecimento de uma de suas partes provoca conseqüências ainda mais complicadas no mundo das relações humanas.

No trabalho musicoterapêutico realizado nessa sessão, notou-se que os participantes começaram a perceber e a respeitar a preferência alheia. Não se portaram de forma egoísta, mas ouviram e compartilharam a preferência do outro. Isso implica mudanças significativas referentes à quebra de paradigmas, à tomada de consciência frente à não-cultivação da *self-deception* e um novo olhar para o outro que perpassa pela compreensão humana.

Morin (2011b) afirma que a compreensão do outro requer a consciência da complexidade humana. Assim, o ser humano deve ser visto em sua totalidade. Deve ser valorizado e respeitado tal como ele é. No processo musicoterapêutico da equipe em questão, os participantes tiveram a oportunidade de refletir sobre as ideias trazidas nessa análise. Depois dessa vivência, os participantes passaram a ter um olhar mais minucioso sobre o respeito às diferenças.

Sessão 5 – (13-05-2011)

Professores participantes: Karina, Eliane, Lara, Márcia, Flavio, Lídia, Maria e Amanda (8).

Aquecimento:

Dança circular - *Le Bastilho* (extraída de RODRIGUES, 2004). A dança foi conduzida pela musicoterapeuta.

Desenvolvimento:

Composição musical. A musicoterapeuta pediu que os participantes compusessem uma canção que falasse da equipe. O tema foi: “O nosso grupo”. No início, eles pareciam perdidos, sem saber como executar a tarefa. Flávio pegou o violão e começou a experimentar sons diversos. Logo em seguida começaram a trazer ideias do que seria a composição. Falaram dos aspectos do grupo que estavam mais intensos naquele momento. Revelaram a saudade que sentiam dos dois participantes que faltaram (Gilberto e Carlos). Falaram também da importância de um grupo que está e permanece unido.

Flávio começou a poetizar sobre algumas ideias já expostas pelo grupo. Aos poucos, a composição foi surgindo. Amanda sugeriu que se fizesse um samba. Um participante começou a cantarolar a música “Trem das onze”. A partir dessa percepção, a musicoterapeuta sugeriu que se colocasse uma letra na melodia da música “Trem das onze”. Os participantes gostaram da ideia e começaram os experimentos. Eles estavam sentados em roda com os instrumentos ao centro. A musicoterapeuta ajudou-os com a base harmônica no teclado. Aos poucos a letra da música foi se consolidando. Colocaram na letra o que havia acontecido antes de essa sessão começar. Todos participaram da construção da letra, uma paródia, como se segue:

Lara falou que a Maria se atrasou.

Amanda já se revelou.

*Márcia cedo chegou e engoliu dois cafés,
enquanto Lídia se alongava, Karina de roupa trocou.*

*E a Eliane meu Deus, que coisa louca,
logo cedo na passarela encantou.*

Flávio poetizou e o grupo todo se empolgou.

Falta alguém chegar, o Gilberto e o Carlos pra completar.

Fechamento e Observações da Musicoterapeuta:

A música foi escrita (no papel) pelos próprios participantes. Houve uma apresentação final com instrumentos musicais (teclado, violão e percussão) e outra só com voz, violão e teclado. O grupo demonstrou sentir-se bem com essa atividade. Maria disse que, na próxima sessão, talvez mudaria o “atrasou”. Todos gostaram de ver e ouvir o seu nome na música.

Leitura musicoterapêutica:

Essa atividade fortaleceu as relações interpessoais existentes no grupo. Cada um teve o seu papel na composição; isto só foi possível porque todos se envolveram na proposta. A construção da música se deu de forma conjunta. O grupo mostrou-se unido e interessado em cumprir a tarefa dada. No início, os participantes acharam “difícil” compor uma música. À medida em que as frases iam surgindo, sentiam-se à vontade para expor suas ideias. Compartilharam as opiniões de cada um e mesmo aqueles que não estavam presentes naquela sessão foram lembrados e incluídos da composição.

Por meio dessa experiência, os integrantes da pesquisa conseguiram planejar e executar uma tarefa juntos. Perceberam também o quanto é importante a participação e envolvimento de todos. Bruscia (2000) esclarece sobre os principais objetivos da composição musical:

1)- Desenvolver habilidades de planejamento e organização. 2)- Desenvolver a habilidade para solucionar problemas de forma criativa. 3)- Promover a auto-responsabilidade. 4)- Desenvolver a habilidade de documentar e comunicar experiências internas. 5)- Promover a exploração de temas terapêuticos através de letras das canções. 6)- Desenvolver a habilidade de integrar e sintetizar partes em um todo (p.128).

Observando-se os principais objetivos da composição musical expostos por Bruscia, é possível relacionar a composição musical à Teoria da Complexidade. Morin, (2007) enfatiza que “o princípio da auto-organização tem valor hologramático: assim como a qualidade da imagem hologramática está ligada ao fato de que cada ponto possui a quase totalidade da informação do todo, do mesmo modo, o todo está presente em cada parte” (p.88).

Dada a experiência vivida pelos participantes, a composição musical possibilitou a auto-organização de cada um em função de um objetivo maior: o processo da composição. Foi na construção das partes que se deu o todo; por meio da colaboração de cada um a tarefa foi cumprida.

Outros aspectos da Teoria da Complexidade, como ordem, desordem e organização, estiveram presentes durante o processo de construção. No início do processo o grupo se sentiu perdido, sem saber como começar. A partir da desorganização, foi possível a organização e o produto final do processo: a composição. Morin (2007) afirma que “o universo inteiro é um coquetel de ordem, desordem e organização. Estamos num universo que não se pode eliminar o acaso, o incerto e a desordem” (p.89).

Da mesma forma que o todo está na parte e a parte está no todo, a ordem possui uma relação intrincada com a desordem. Em Morin (2007) tem-se que a ordem se apresenta como tudo o que é repetição, constância, invariância, tudo o que pode ser enquadrado sob a dependência de uma lei. A desordem apresenta-se como tudo o que é irregularidade, desvios com relação a uma estrutura dada, acaso e imprevisibilidade. Já em “um universo de pura ordem, não haveria inovação, criação e evolução. Do mesmo modo, nenhuma existência seria possível na pura desordem, porque não haveria nenhum elemento de estabilidade para se instituir uma organização” (MORIN, 2007 p.89).

Ressalta-se que, no início da composição, o grupo passou por um momento de “crises e incertezas”, o que é característico da busca pela estratégia em solucionar um problema. Sobre isso, Morin (2007), assim declara:

Qualquer crise é um acréscimo de incertezas. A probabilidade de divisão diminui. As desordens tornam-se ameaçadoras. Os antagonismos inibem as complementaridades, os virtuais conflitos se atualizam. Os controles falham ou se quebram. É preciso abandonar os programas, inventar estratégias para sair da crise. Com frequência necessitamos abandonar as soluções que remediavam as antigas crises e elaborar novas soluções (p.82).

Durante a realização da composição musical, os participantes tiveram que criar “estratégias” para comporem. Segundo Morin (2007), “a estratégia permite, a partir de uma decisão inicial, prever certo número de cenários para a ação, cenários que poderão ser modificados segundo as informações que vão chegar no curso da ação e segundo os acasos que vão se suceder e perturbar a ação” (p.79). Assim, o grupo conseguiu estabelecer formas e estratégias no ato da composição musical, em momento de integração.

Professores participantes: Karina, Eliane, Lara, Márcia, Flávio, Lídia, Maria e Carlos (8).

Aquecimento:

Audição da composição feita na sessão passada.

Desenvolvimento:

Os participantes cantaram a composição novamente, trabalhando a afinação vocal. Inseriram uma segunda voz (contralto) a fim de facilitar o canto para as pessoas que têm dificuldades com as notas agudas. Eles experimentaram tocar a música com outros instrumentos musicais: atabaque, violão, teclado, e maracas (ovo). Inseriram, ainda, mais uma parte na letra: “O Carlos com a gente já está, o Carlos com a gente já está, só falta o Gilberto pra chegar”... a letra da música ficou da seguinte forma:

Lara falou que a Maria se atrasou.

Amanda já se revelou.

*Márcia cedo chegou e engoliu dois cafês,
enquanto Lídia se alongava, Karina de roupa trocou.*

*E a Eliane, meu Deus, que coisa louca,
logo cedo na passarela encantou.*

Flávio poetizou e o grupo todo se empolgou.

Falta alguém chegar, o Gilberto e o Carlos pra completar.

O Carlos com a gente já está, o Carlos com a gente já está, só falta o Gilberto pra chegar...

Fechamento e Observações da Musicoterapeuta:

O grupo todo participou da atividade. Os participantes gostaram de trabalhar um pouco mais a música como um todo, valorizando os aspectos musicais, como afinação e ritmo. Carlos comentou que a gravação estava muito bonita e as vozes afinadas. No término e discussão da sessão, falaram sobre a importância desse trabalho de composição, vez que todos se envolveram e, de certa forma, colaboraram para que a composição acontecesse. Nessa ocasião, compartilharam ideias importantes na construção da música. Flávio disse que o grupo todo conseguiu interagir e se ver na música.

Leitura musicoterapêutica:

Os participantes demonstraram muita satisfação ao escutar e tocar músicas criadas por eles mesmos. Foram trabalhados os seguintes aspectos musicais: ritmo,

afinação, inserção de mais uma voz (mais grave), toque de outros instrumentos. O trabalho desenvolvido na melhoria da execução musical promoveu a interação e a harmonia. Na execução da música, os participantes ficaram à vontade. Alguns deles pediram para a musicoterapeuta trabalhar de forma mais incisiva os aspectos relacionados com a voz, como respiração e afinação. A musicoterapeuta cantou a música, por partes, juntamente com os participantes, até se sentirem mais seguros. Após esse momento, houve a inserção da segunda voz sugerida pelos próprios participantes. Ao perceber que alguns deles estavam cantando outra voz, a musicoterapeuta dividiu o grupo para a execução das duas vozes. Em seguida, o grupo cantou a música tocando os instrumentos musicais.

Aspectos relacionados à sinergia grupal ficaram muito presentes durante a execução da música. Alguns participantes relataram, no fechamento, que estavam felizes por contribuírem na interpretação da música e que se viam como uma “peça importante” na execução dessa atividade. Refletiram sobre a importância de cada integrante naquela instituição e, a partir dessa vivência, começaram a ter um olhar diferenciado sobre o papel de cada um e também do outro na implementação de projetos e tarefas.

Após essa vivência musicoterápica, os professores de arte desta pesquisa perceberam mudanças significativas nas relações interpessoais desenvolvidas no ambiente de trabalho. Moscovici (2009) declara que “as relações interpessoais desenvolvem-se em decorrência do processo de interação” (p.69). A autora esclarece que, à medida que as atividades e interações prosseguem, os sentimentos despertados manifestam-se de maneira diferente dos indicados inicialmente e, então, inevitavelmente, os sentimentos influenciarão as interações e as próprias atividades. Assim, sentimentos como simpatia e atração provocaram aumento de interação e cooperação, repercutiram favoravelmente nas atividades e promoveram maior entrosamento no decorrer das ações de trabalho.

Quando o grupo sentiu a necessidade de trabalhar os aspectos musicais da composição, demonstraram certa maturidade e consciência em relação à integridade, ao fazer conjunto do grupo e ao cuidado com a construção de um objetivo comum. Bruscia (2000) afirma que importante característica da integridade, tanto na saúde quanto na música, é a harmonia. “Quando tudo se encaixa e trabalha em conjunto como partes de

um todo (que, por sua vez, formam partes de outro todo e assim por diante) se diz que há harmonia” (p.73). No processo musicoterapêutico grupal, a harmonia pôde estar presente não apenas na música, mas nas relações intra e interpessoais ali estabelecidas. O trabalho musicoterapêutico desenvolvido nessa sessão possibilitou a conexão das partes (cada participante) com o todo (equipe) e do todo com as partes. A colaboração de todos contribuiu para resultados favoráveis. “Não apenas a parte está no todo como o todo está na parte” (MORIN, 2007, p.74).

Em um holograma físico, o menor ponto da imagem contém a quase totalidade da informação do objeto apresentado. Morin (2007) apresenta como exemplo para representar o holograma a célula de um ser vivo. No ser humano, cada célula contém a totalidade da informação genética do organismo humano. “Cada célula é uma parte de um todo – o organismo global –, mas também o todo está na parte: a totalidade do patrimônio genético está presente em cada célula individual” (MORIN, 2006, p. 94). “A idéia do holograma vai além do reducionismo que só vê as partes e do holismo que só vê o todo” (p.24). Assim, cada participante do processo musicoterapêutico carregou em si características básicas da equipe por inteiro. O indivíduo participa de uma equipe de trabalho dentro de uma instituição e essa, por suas normas e condutas, influencia e está presente diretamente na vida dele. Nesse sentido, cada indivíduo que exerce uma função em alguma instituição carrega a quase totalidade das informações desse contexto, no qual é constituído e passa a ser marcado e também marca essa mesma totalidade.

Sessão 7 – (27-05-2011)

Professores participantes: Karina, Eliane, Lara, Márcia, Flávio, Lídia, Maria, Joana, Amanda e Gilberto (10).

Aquecimento:

A sessão iniciou com acolhimento verbal e compartilhamento dos acontecimentos da semana, reflexões acerca de um curso de educação, da profissão e do comportamento de crianças e jovens.

Desenvolvimento:

Após o aquecimento, a musicoterapeuta pediu que os participantes ficassem à vontade na sala, em uma posição confortável e fechassem os olhos. Orientou que deixassem vir à mente a imagem de uma pessoa que eles amassem. Em seguida, deveriam pensar em uma música para dedicar a essa pessoa e ficar com a primeira canção que viesse à cabeça. Na sequência eles deveriam se imaginar entregando esse presente à pessoa escolhida. A musicoterapeuta pediu que eles começassem a cantar a canção em baixa intensidade e que esse som fosse aumentando de volume gradualmente. Alguns participantes não cantaram (Lara, Karina).

O grupo retornou para a roda com vista a compartilhar a experiência feita. A primeira a relatar a atividade foi Karina. A pessoa escolhida por ela foi o filho e a canção escolhida “Leãozinho” (Caetano Veloso); disse que ela contava essa canção para o filho.

Amanda se lembrou de sua avó e cantou a canção “não se admire se um dia um beija flor invadir”... (Ai que saudade d’ocê). Disse que sente saudade da avó que já faleceu, e por mais que a canção possuísse um contexto de namoro, ela a dedicou à avó por ser a primeira canção que veio à sua mente.

Flávio diz que a pessoa escolhida foi sua esposa e cantou “Se você quiser pro que der e vier comigo”... (Dia Branco). Após cantar a canção foi aplaudido pelo grupo. Em seguida Maria se lembrou da sobrinha, e disse que ela está passando por problemas de relacionamento; cantou alguns trechos (os que conseguiu lembrar) de “Aquarela” (Toquinho e Vinicius de Moraes) que ela cantava para sua sobrinha.

Márcia se lembrou de um ex-namorado, por mais que não quisesse pensar nele, e disse que não conseguiria cantar a música por ser desafinada e por considerar que sua voz não é bonita e não se lembrava da letra da canção. A musicoterapeuta interveio dizendo que ali o grupo não deveria se importar em cantar afinado. Márcia se lembrou apenas de uma frase da canção: “um amor delicado você pega assim e despreza”. O grupo começa a rir e a fazer comentários acerca do relato de Márcia que terminou dizendo “Tá mal resolvido”.

Joana se lembrou de um amigo-irmão que sempre cuidou dela, o qual não vê há muito tempo. Relatou que uma vez seu amigo ligou dizendo que se lembrou dela quando ouviu a canção “Vento no litoral” (Legião Urbana) e esta foi a canção que ela dedicou a ele. Joana ficou emocionada e a musicoterapeuta pediu que ela ficasse de pé e

escolhesse alguma pessoa para representar esse amigo. Flávio foi a pessoa escolhida. A terapeuta sugeriu que Joana cantasse para esse amigo. Ela porém não conseguiu. Então, a musicoterapeuta pediu que o “amigo” (Flávio) dissesse algo para Joana. Flávio disse a Joana que estava com saudade, que sempre pensava nela e que estão ligados por esse sentimento. Os participantes se abraçaram e voltaram para a roda.

Gilberto relatou sua experiência. Ele se lembrou de uma ex-namorada que se mudou para os Estados Unidos e deixou muita saudade. A canção dedicada a ela foi “Que nem jiló”. A musicoterapeuta perguntou se ele gostaria de trabalhar essa questão. Ele aceitou e escolheu Joana para representar a pessoa amada. Gilberto se mostrou muito incomodado ao cantar para Joana. Joana lhe oferece as mãos, ele segura e começa a cantar, porém fecha os olhos e continua a cantar com a ajuda da terapeuta.

Maria começou a chorar. A musicoterapeuta perguntou o que estava acontecendo e ela disse que não sabia, que simplesmente estava emocionada com o relato dos colegas e estava sentindo angústia. A musicoterapeuta propôs uma intervenção e Maria aceita participar. Então, todo o grupo ficou em pé, e Maria no centro da roda. A musicoterapeuta pediu para que ela apoiasse os pés no chão e imaginasse que a terapeuta era a sua angústia; olhando para ela a terapeuta pediu que Maria, com toda energia sonora, começasse a dizer não e a realizar um movimento com os braços negando essa angústia e retirando-a de dentro dela. O grupo todo ajudou Maria realizando com ela os mesmos movimentos e dizendo em alta voz: Não! Ao final Maria disse que estava bem melhor.

Lara se lembrou do filho. Alegou a existência de dificuldades na relação mãe/filho. Trouxe para o grupo a canção “Pais e filhos” (Legião Urbana). Lara não sabia cantar, então o grupo cantou para ela. Joana liderou a recriação; o grupo deu *feedbacks* para Lara na sua relação com o filho, aconselhando-a a ter paciência e deixar seu filho fazer algumas escolhas.

Lídia recordou de seus pais e dedicou a eles a “Canção da América” (Milton Nascimento). Relatou que, ao escutar essa música, se lembrava com muita tranquilidade de seu pai, mesmo após o falecimento dele.

Fechamento e Observações da Musicoterapeuta:

O grupo refletiu sobre a atividade, as dificuldades que cada um teve. Flávio disse que a música faz uma ligação entre o que a gente sente, o que está no “nosso inconsciente, trazendo isso para fora”. Joana argumentou que, através da música, eles compartilharam o que o outro estava sentindo naquele instante em que cantavam. Gilberto relatou que, no momento em que cantava para Joana, ele não conseguiu olhar para ela e sentiu seu rosto tremendo e suas mãos e pés fechando, ficou tenso e esqueceu a letra da canção.

A musicoterapeuta explicou as diferentes sensações e reações que a música pode provocar nas pessoas e afirmou que, quando alguém canta, entra em contato e expressa o que sente no seu íntimo, no seu interior.

No fechamento, a musicoterapeuta pediu que os participantes fizessem uma síntese dizendo uma palavra que representasse aquele momento. Surgiram palavras como amor, tranquilidade e paz.

Leitura musicoterapêutica:

Essa sessão teve um marco muito importante para a equipe em questão. A vivência proporcionou a coesão grupal, o compartilhamento de sentimentos e emoções trazidos à tona por cada participante de pesquisa e expostos para todo o grupo. Foi um momento diferente até então vivenciado por todos. Durante a vivência, todos experimentaram sensações que, até então, não sabiam que a música poderia provocar. No relato final, os dois professores de música ficaram impressionados com as sensações e a emoção que sentiram com a música, até mesmo pelo fato de a utilizarem em seu trabalho secular. As relações entre os participantes começaram a mudar depois dessa experiência. O melhor compartilhamento dos sentimentos entre eles trouxe interação e fortaleceu as relações interpessoais existentes no grupo.

Moscovici (2009) considera que a interação humana é complexa e multidimensional.

O processo de interação humana supõe necessariamente comunicação, mesmo que haja intenção contrária. Estamos sempre comunicando algo, seja por meio de palavras ou outros meios não-verbais, tais como gestos, postura corporal, posição e distância em relação aos outros etc. O simples fato de estar em presença do outro modifica o contexto perceptivo de cada um, promovendo interação que é, afinal, comunicação, com mensagens emitidas e recebidas de cada participante na ação conjunta (p.173).

Considerando-se as interações humanas desenvolvidas durante essa sessão, pode-se afirmar que o grupo conseguiu desenvolver os dois tipos de inteligência apresentados por Gardner (2006). A “inteligência intrapessoal”, entendida pelo autor como a chave do autoconhecimento, “é uma aptidão correlata, voltada para dentro”(p.51), de acesso aos próprios sentimentos e à capacidade de discriminá-los e usá-los para orientar o comportamento. Ao desenvolver a inteligência intrapessoal, os participantes acessaram os sentimentos individuais e partilharam-nos musicalmente com o grupo, à medida que conseguiram expor a música que veio à tona, associada à lembrança de uma pessoa querida.

Já a “inteligência interpessoal” significa a capacidade de compreender outras pessoas, por exemplo, o que as motiva e como trabalhar cooperativamente com elas na tentativa de discernir e responder adequadamente aos estados de espírito, temperamentos, motivações e desejos (GARDNER, 2006). No processo musicoterapêutico com essa equipe, a inteligência interpessoal aparece quando os participantes se tornam colaboradores uns dos outros, compartilhando os mesmos sentimentos.

Moscovici (2009) afirma que a manifestação de tais inteligências no processo grupal promove o desenvolvimento da competência emocional, sendo “a competência emocional a base da competência interpessoal” (p.260). A autora considera que, em um processo grupal, a capacidade de lidar com emoções e sentimentos é e pode ser aprendida, treinada e desenvolvida. “Esta aprendizagem significa competência emocional e faz parte inerente do desenvolvimento interpessoal” (p. 260). Assim, “a competência interpessoal não é um dom ou talento inato da personalidade, e sim uma capacidade que se pode desenvolver por meio de treinamento próprio” (MOSCOVICI, 2009, p.78).

Em seus estudos Bruscia (2000) argumenta que a música contribui para a interação humana de pessoas e no desenvolvimento interpessoal; assim como as outras artes, ela tem um padrão organizado e permanente de interação humana centrado em um conjunto de valores compartilhados por uma comunidade (ou grupo) e reciprocamente relacionados com essa comunidade, com funções, costumes, objetivos, tradições e regras específicas.

O trabalho musicoterapêutico desenvolvido nessa sessão possibilitou o desenvolvimento da competência interpessoal por meio da experiência recreativa descrita por Bruscia (2000). Então, nessas experiências, o cliente aprende ou executa músicas instrumentais ou vocais ou reproduções de qualquer tipo musical apresentado como modelo. A experiência de recriação musical também inclui atividades musicais estruturadas e jogos em que o cliente ou grupo apresenta comportamentos ou desempenha papéis que foram especificamente desenvolvidos. O autor considera como objetivos da recriação musical as seguintes ações:

1)- Desenvolver habilidades sensório-motoras. 2)- Promover comportamento ritmado e a adaptação. 3)- Melhorar a atenção e a orientação. 4)- Desenvolver a memória. 5)- Promover a identificação e a empatia com os outros. 6)- Desenvolver habilidades de interpretação e comunicação de idéias e sentimentos. 7)- Aprender a desempenhar papéis específicos nas várias situações interpessoais. 8)- Melhorar as habilidades interativas e de grupo (p.126).

O citado autor indica as experiências recreativas às pessoas que necessitam de estrutura para desenvolver comportamentos e habilidades específicas. Também são indicadas para clientes que precisam entender e se adaptar às ideias dos outros preservando suas próprias identidades; indica-as ainda para clientes que precisam trabalhar juntamente com outras pessoas visando a objetivos comuns. No trabalho musicoterapêutico grupal dessa equipe, as indicações do autor são pertinentes quando comparados aos objetivos da experiência recreativa. De fato, essa experiência promoveu em cada participante uma melhoria na percepção de si mesmo e nas relações interpessoais ali estabelecidas.

Morin (2010a) explica que a compreensão humana chega aos indivíduos quando eles sentem e concebem os outros humanos como sujeitos; ela os torna abertos aos sofrimentos e alegrias alheias. “É a partir da compreensão que se pode lutar contra o ódio e a exclusão” (p.51). Nesse sentido, Santos (2003) afirma que onde há compreensão humana, os sentimentos de amor e solidariedade permanecem evidenciados. “A solidariedade não é um sentimento natural no homem, ela é aprendida através da convivência e da experiência de ser amado [...] é o reconhecimento da diferença e da singularidade do outro” (p.100). Assim, o compartilhamento de sentimentos e emoções trazido nessa sessão, por meio da musicoterapia, promoveu o despertar da solidariedade, da compreensão, do afeto; todos esses fatores, sem dúvida, reforçaram a interação humana dentro da equipe.

Letras das músicas trazidas pelos participantes (Sessão 7).

O Leãozinho

Caetano Veloso

*Gosto muito de te ver, leãozinho
Caminhando sob o sol
Gosto muito de você, leãozinho
Para desentristecer, leãozinho
O meu coração tão só
Basta eu encontrar você no caminho
Um filhote de leão raio da manhã;
Arrastando o meu olhar como um imã...*

*O meu coração é o sol, pai de toda cor;
Quando ele lhe doura a pele ao léu...
Gosto de te ver ao sol, leãozinho
De te ver entrar no mar
Tua pele, tua luz, tua juba
Gosto de ficar ao sol, leãozinho
De molhar minha juba
De estar perto de você e entrar numa*

Ai Que Saudade D'ocê

Vital Farias

*Não se admire se um dia
Um beija-flor invadir
A porta da tua casa
Te der um beijo e partir
Fui eu que mandei o beijo
Que é pra matar meu desejo
Faz tempo que eu não te vejo
Ai que saudade de ocê
Se um dia ocê se lembrar
Escreva uma carta pra mim
Bote logo no correio
Com frases dizendo assim*

*Faz tempo que eu não te vejo
Quero matar meu desejo
Te mando um monte de beijo
Ai que saudade sem fim
E se quiser recordar
Aquele nosso namoro
Quando eu ia viajar
Você caía no choro
Eu chorando pela estrada
Mas o que eu posso fazer
Trabalhar é minha sina
Eu gosto mesmo é de ocê*

Dia Branco

Geraldo Azevedo

*Se você vier
Pro que der e vier
Comigo...
Eu lhe prometo o sol
Se hoje o sol sair
Ou a chuva...
Se a chuva cair
Se você vier
Até onde a gente chegar
Numa praça*

*Na beira do mar
Num pedaço de qualquer lugar...
Nesse dia branco
Se branco ele for
Esse tanto
Esse canto de amor
Oh! oh! oh...*

Aquarela

Toquinho e Vinicius de Moraes

*Numa folha qualquer
Eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas
É fácil fazer um castelo...
Corro o lápis em torno
Da mão e me dou uma luva
E se faço chover
Com dois riscos
Tenho um guarda-chuva...
Se um pinguinho de tinta
Cai num pedacinho
Azul do papel*

*Num instante imagino
Uma linda gaivota
A voar no céu...
Vai voando
Contornando a imensa
Curva Norte e Sul
Vou com ela
Viajando Havá
Pequim ou Istambul
Pinto um barco a vela
Brando navegando*

É tanto céu e mar
 Num beijo azul...
 Entre as nuvens
 Vem surgindo um lindo
 Avião rosa e grená
 Tudo em volta colorindo
 Com suas luzes a piscar...
 Basta imaginar e ele está
 Partindo, sereno e lindo
 Se a gente quiser
 Ele vai pousar...
 Numa folha qualquer
 Eu desenho um navio
 De partida
 Com alguns bons amigos
 Bebendo de bem com a vida...
 De uma América a outra
 Eu consigo passar num segundo
 Giro um simples compasso
 E num círculo eu faço o mundo...
 Um menino caminha
 E caminhando chega no muro
 E ali logo em frente
 A esperar pela gente
 O futuro está...
 E o futuro é uma astronave

Que tentamos pilotar
 Não tem tempo, nem piedade
 Nem tem hora de chegar
 Sem pedir licença
 Muda a nossa vida
 E depois convida
 A rir ou chorar...
 Nessa estrada não nos cabe
 Conhecer ou ver o que virá
 O fim dela ninguém sabe
 Bem ao certo onde vai dar
 Vamos todos
 Numa linda passarela
 De uma aquarela
 Que um dia enfim
 Descolorirá...
 Numa folha qualquer
 Eu desenho um sol amarelo
 (Que descolorirá!)
 E com cinco ou seis retas
 É fácil fazer um castelo
 (Que descolorirá!)
 Giro um simples compasso
 Num círculo eu faço
 O mundo
 (Que descolorirá!)

Vento No Litoral

Legião Urbana

De tarde quero descansar
 Chegar até a praia e ver
 Se o vento ainda está forte
 E vai ser bom subir nas pedras
 Sei que faço isso pra esquecer
 Eu deixo a onda me acertar
 E o vento vai levando
 Tudo embora...
 Agora está tão longe
 ver a linha do horizonte me distrai
 Dos nossos planos é que tenho mais saudade
 Quando olhávamos juntos
 Na mesma direção
 Aonde está você agora
 Além de aqui dentro de mim...
 Agimos certo sem querer
 Foi só o tempo que errou
 Vai ser difícil sem você
 Porque você está comigo

O tempo todo
 E quando vejo o mar
 Existe algo que diz
 Que a vida continua
 E se entregar é uma bobagem...
 Já que você não está aqui
 O que posso fazer
 É cuidar de mim
 Quero ser feliz ao menos,
 Lembra que o plano
 Era ficarmos bem...Eieieieie!
 Olha só o que eu achei
 Humrun
 Cavalos-marinhos...
 Sei que faço isso
 Pra esquecer
 Eu deixo a onda me acertar
 E o vento vai levando
 Tudo embora...

Que Nem Jiló

Luíz Gonzaga

Se a gente lembra só por lembrar
 O amor que a gente um dia perdeu
 Saudade intê que assim é bom
 Pro cabra se convencer
 Que é feliz sem saber
 Pois não sofreu
 Porém se a gente vive a sonhar
 Com alguém que se deseja rever
 Saudade, entonce, aí é ruim

Eu tiro isso por mim,
 Que vivo doido a sofrer
 Ai quem me dera voltar
 Pros braços do meu xodó
 Saudade assim faz roer
 E amarga qui nem jiló
 Mas ninguém pode dizer
 Que me viu triste a chorar
 Saudade, o meu remédio é cantar

Pais e Filhos

Legião Urbana

Estátuas e cofres e paredes pintadas
 Ninguém sabe o que aconteceu.
 Ela se jogou da janela do quinto andar
 Nada é fácil de entender.
 Dorme agora,
 é só o vento lá fora.
 Quero colo! Vou fugir de casa!
 Posso dormir aqui com vocês?
 Estou com medo, tive um pesadelo
 Só vou voltar depois das três.
 Meu filho vai ter nome de santo
 Quero o nome mais bonito.

É preciso amar as pessoas
 Como se não houvesse amanhã
 Porque se você parar pra pensar
 Na verdade não há.
 Me diz, por que que o céu é azul?
 Explica a grande fúria do mundo
 São meus filhos
 Que tomam conta de mim.
 Eu moro com a minha mãe
 Mas meu pai vem me visitar

Eu moro na rua, não tenho ninguém
 Eu moro em qualquer lugar.
 Já morei em tanta casa
 Que nem me lembro mais
 Eu moro com os meus pais.
 É preciso amar as pessoas
 Como se não houvesse amanhã
 Porque se você parar pra pensar
 Na verdade não há.

Sou uma gota d'água,
 sou um grão de areia
 Você me diz que seus pais não te entendem,
 Mas você não entende seus pais.
 Você culpa seus pais por tudo, isso é absurdo
 São crianças como você
 O que você vai ser,
 Quando você cresce

Canção Da América

Milton Nascimento

Amigo é coisa para se guardar
 Debaixo de sete chaves
 Dentro do coração
 Assim falava a canção que na América ouvi
 Mas quem cantava chorou
 Ao ver o seu amigo partir
 Mas quem ficou, no pensamento voou
 Com seu canto que o outro lembrou
 E quem voou, no pensamento ficou
 Com a lembrança que o outro cantou
 Amigo é coisa para se guardar
 No lado esquerdo do peito

Mesmo que o tempo e a distância digam "não"
 Mesmo esquecendo a canção
 O que importa é ouvir
 A voz que vem do coração
 Pois seja o que vier, venha o que vier
 Qualquer dia, amigo, eu volto
 A te encontrar
 Qualquer dia, amigo, a gente vai se encontrar

Professores participantes: Karina, Eliane, Lara, Márcia, Flávio, Lídia, Maria, Carlos, Amanda e Gilberto (10).

Aquecimento:

A sessão iniciou com acolhimento verbal e compartilhamento dos acontecimentos da semana. Alguns participantes alegaram diferença na maneira de sentir e perceber música depois da última sessão. Eles se expressaram dizendo que não sabiam do “poder da música” (termo trazido pelos próprios participantes) e dos efeitos que ela poderia causar.

Desenvolvimento:

Após o aquecimento, a musicoterapeuta pediu que os participantes ficassem à vontade na sala, em uma posição confortável e fechassem os olhos. Em seguida os orientou para que deixassem vir à mente uma música que tivesse significado especial para cada um deles. Foi montado um palco na sala para que apresentassem sua música preferida. Amanda cantou para o grupo a música “A Rita” (Chico Buarque). Alegou gostar dessa música, pois a letra retratava um pouco de como ela era e como se sentia quando era mais nova. Outrossim, partilhou com o grupo naquele momento uma música de sua juventude.

Lara trouxe a música “Prece ao vento” (Fernando Mendes). Falou sobre a nova visão de música que está adquirindo depois das sessões de musicoterapia. O fato de trazer essa música tinha também relação com sua juventude, pois a escutava muito quando era mais jovem, e que a letra a emocionava, uma vez que fala de amor. “Prece ao Vento” é um apelo para que o vento traga um grande amor. Lara ficou muito comovida ao lembrar a letra.

Karina cantou “Na base do beijo” (Rita Mendes e Alain Tavares). Alegou gostar dessa música, pois a letra expressa o que ela acha de si mesma. Cantou de forma animada e todo o grupo acompanhou com palmas. Flávio trouxe a música “Papel machê” (João Bosco) e também lembrou o passado, época da juventude, dos primeiros amores. Carlos apresentou duas músicas. A primeira foi “1812” que o lembrava dos tempos em que tocava na banda da escola. A segunda foi “Aquarela do Brasil” (Ary Barroso). Todo o grupo o acompanhou durante sua apresentação.

Eliane apresentou ao grupo “Índia” (José Fortuna). Essa música tem um significado especial para Eliana, pois a letra expressa detalhes de sua fisionomia. Ela se compara com uma índia. Alguns colegas de trabalho já cantavam essa música para ela antes mesmo de se iniciarem as sessões de musicoterapia. Gilberto trouxe ao grupo a música “Bois Don’t Cry” (Mamonas assassinas). Esse foi um momento de muita descontração no grupo (risos). A música apresentada por Gilberto possui um lado cômico e engraçado. Ele considera essa música engraçada e divertida e, por ser um profissional da música, não tinha coragem de cantá-la em outro lugar se não fosse ali. O grupo interagiu muito nesse momento.

Márcia trouxe a música “O circo” (Sidney Miller). Ela disse que todo dia acorda pensando nessa música, pois ela é alegre e retrata a vida exatamente como diz a letra: um grande picadeiro. A participante alegou que, mesmo nos dias difíceis, ela se lembra da música. Lídia entoou “Dia de Domingo” (Michael Sullivan e Paulo Massadas). Disse que essa música tem um significado muito especial para ela, pois a acompanha desde a adolescência. Falou sobre a importância das relações interpessoais que se constroem ao longo da vida, e como existem pessoas que jamais serão esquecidas. Maria apresentou “Samba da bênção” (Vinicius de Moraes) porque gosta dessa música, pois a letra retrata o modo como percebe a vida.

Fechamento e Observações da Musicoterapeuta:

Com o propósito de se trabalharem as relações intrapessoais, foi enfatizado para o fechamento dessa sessão que todos os participantes subissem ao palco e cantassem a música “Carinhoso” (Pixinguinha) na primeira pessoa do singular, conforme transcrita a seguir:

*Meu coração não sei porque bate feliz quando me vê.
E os meus olhos ficam sorrindo e pelas ruas vão me seguindo
Mas mesmo assim fujo de mim.
Ah eu soubesse como sou tão carinhoso e o muito muito que me quero.
E como é sincero o meu amor eu sei que eu não fugiria mais mim.
Venho, venho, venho, venho sentir o calor dos lábios meus a procura de mim.
Venho matar essa paixão que me devora o coração e só assim então
Serei feliz bem feliz.*

Os participantes cantaram a citada canção de mãos dadas, na primeira pessoa, olhando uns para os outros, e demonstraram satisfação ao oferecer algo para si mesmos. A seguir alguns falaram o quanto foi importante trazer uma música

significativa para o grupo. Durante a experiência do palco, foi notado um envolvimento maior no tocante ao trabalho de equipe, principalmente no que concerne ao entrosamento dos participantes. As relações interpessoais foram trabalhadas no sentido de lembrar, escutar e apreciar não só aquilo que tem um significado para cada um, mas também valorizar a escolha musical trazida pelos colegas. Mesmo que o foco dessa vivência tenha sido o desenvolvimento intrapessoal, o grupo interagiu positivamente no sentido interpessoal. Houve um momento de coesão, de aceitação e respeito pelo gosto alheio, partilha de ideias e muita emoção.

Leitura musicoterapêutica:

A vivência realizada nessa sessão fez aflorar a emoção em todos os participantes. Foi um momento de expor a música que mais tinha significado para cada um deles naquele momento e proporcionou para alguns a “volta ao passado”, a lembrança da juventude. O grupo se manteve participativo e atento às apresentações individuais de cada “artista” no palco.

Os participantes, ao se apresentarem, falavam um pouco sobre o motivo da escolha da música em questão. Foi um momento de alegria e entusiasmo. Enquanto um participante se apresentava, os outros ouviam atentamente e, às vezes, ajudavam quem estava se apresentando quando esse esquecia a letra ou parte da melodia. Foi um momento para se considerar aquilo que era importante para cada um dentro do grupo.

Bruscia (2000) apresenta a autoexpressão como uma forma de ajuda em musicoterapia, o que auxilia o cliente ou grupo a exteriorizar, apresentar, liberar, representar e projetar suas experiências internas. O estímulo trazido pela autoexpressão é importante no processo terapêutico, pois facilita a expressão de sentimentos que, às vezes, não se consegue revelar de forma clara, assim como sentimentos que são rejeitados ou que não são desejáveis.

No processo musicoterapêutico da equipe em questão, cada participante demonstrou aos demais um pouco de si enquanto cantava no palco. Essa vivência proporcionou o desenvolvimento intrapessoal, pois valorizou a “Identidade Sonora Gestáltica” (ISo Gestáltico) de cada um. O ISo gestáltico, segundo Benenzon (2000), “contém as energias sonoras que se produzem desde o momento da concepção de cada indivíduo” (p.33).

Outro aspecto trabalhado foi o desenvolvimento do ISO Grupal, descrito por Benenzon como a “identidade sonora de um grupo humano, produto das afinidades musicais latentes, desenvolvidas em cada um dos seus membros” (BENENZON, 2000, p.36). Entende-se que as sessões possibilitaram o desenvolvimento das relações intra e interpessoais durante o processo musicoterapêutico. As músicas trazidas por cada participante passaram a integrar o ISO Grupal da equipe. Tais atitudes foram reforçadas no final da sessão quando partilharam a mesma canção: “Carinhoso” (Pixinguinha), cantada por todos na primeira pessoa do singular. Esse momento contribuiu para o desenvolvimento da percepção intrapessoal, no sentido de autoaceitação e autovalorização de cada um como ser humano; possibilitou ainda a interação grupal, em que os participantes reforçaram as relações, promovendo o desenvolvimento de competências interpessoais.

Para Chagas & Pedro (2008), o ISO Grupal pode ser instituído à medida que um grupo estabelece identidades sonoras que se tornam características do processo musicoterapêutico. Assim, o processo terapêutico se desenvolve com base no estabelecimento de uma relação terapêutica que busca a comunicação sonora pela identidade musical do cliente/ grupo e terapeuta.

Letras das músicas trazidas pelos participantes (Sessão 8)

O Circo

Sidney Miller

*Vai, vai, vai começar a brincadeira
Tem charanga tocando a noite inteira
Vem, vem, vem ver o circo de verdade
Tem, tem, tem picadeiro de qualidade
Corre, corre, minha gente que é preciso ser
esperto
Quem quiser que vá na frente, vê melhor quem
vê de perto
Mas no meio da folia, noite alta, céu aberto
Sopra o vento que protesta, cai no teto, rompe a
lona
Pra que a lua de carona também possa ver a
festa
Bem me lembro o trapezista que mortal era seu
salto
Balançando lá no alto parecia de brinquedo
Mas fazia tanto medo que o Zezinho do
Trombone
De renome consagrado esquecia o próprio
nome
E abraçava o microfone pra tocar o seu
dobrado*

*Faço versos pro palhaço que na vida já foi tudo
Foi soldado, carpinteiro, seresteiro e
vagabundo
Sem juízo e sem juízo fez feliz a todo mundo
Mas no fundo não sabia que em seu rosto
coloria
Todo encanto do sorriso que seu povo não
sorria
De chicote e cara feia domador fica mais forte
Meia volta, volta e meia, meia vida, meia morte
Terminando seu batente de repente a fera some
Domador que era valente noutras feras se
consome
Seu amor indiferente, sua vida e sua fome
Fala o fole da sanfona, fala a flauta pequenina
Que o melhor vai vir agora que desponta a
bailarina
Que o seu corpo é de senhora, que seu rosto é
de menina
Quem chorava já não chora, quem cantava
desafina
Porque a dança só termina quando a noite for*

embora
 Vai, vai, vai terminar a brincadeira
 Que a charanga tocou a noite inteira

Morre o circo, renasce na lembrança
 Foi-se embora e eu ainda era criança

Na Base do Beijo

Rita Mendes e Alain Tavares

Quando eu te pegar você vai ver, você vai ver
 Ai de ti, ai de ti
 Vai se amarrar só querer saber de mim
 Você vai se dar bem e eu também
 Você vai se dar bem e eu também
 Comigo é na base do beijo
 Comigo é na base do amor
 Comigo não tem disse me disse
 Não tem chove não molha desse jeito que sou

Quando amo é pra valer
 Quando amo é pra valer
 Dou carinho, me entrego
 Faço o amor acontecer

Quando amo é pra valer
 Quando amo é pra valer
 Dou carinho, me entrego
 Faço o amor acontecer

Comigo é na base do beijo
 Comigo é na base do amor
 Comigo não tem disse me disse
 Não tem chove não molha desse jeito que sou

Vamos namorar, beijar na boca
 Vamos namorar, beijar na boca
 Vamos namorar, beijar na boca
 Vamos namorar, beijar na boca

Índia

José Fortuna

Índia, seus cabelos nos ombros caídos,
 Negros como a noite que não tem luar;
 Seus lábios de rosa para mim sorrindo
 E a doce meiguice desse seu olhar.
 Índia da pele morena,
 Sua boca pequena
 Eu quero beijar.
 Índia, sangue tupi,
 Tem o cheiro da flor.
 Vem, que eu quero te dar
 Todo meu grande amor!

Quando eu for embora para bem distante
 E chegar a hora de dizer adeus,
 Fica nos meus braços só mais um instante;
 Deixa os meus lábios se unirem aos seus.
 Índia, levarei saudade
 Da felicidade que você me deu.
 Índia, a sua imagem
 Sempre comigo vai
 Dentro do meu coração,
 Flor do meu Paraguai

Papel Machê

João Bosco

Cores do mar, festa do sol
 Vida é fazer
 Todo o sonho brilhar
 Ser feliz
 No teu colo dormir
 E depois acordar
 Sendo o seu colorido
 Brinquedo de Papel Machê...(2x)
 Dormir no teu colo
 É tornar a nascer

Violeta e azul
 Outro ser
 Luz do querer...
 Não vai desbotar
 Lilás cor do mar
 Seda cor de batom
 Arco-íris crepom
 Nada vai desbotar
 Brinquedo de Papel Machê...

Samba da Bênção

Vinicius de Moraes

É melhor ser alegre
 Que ser triste

Alegria é a melhor
 Coisa que existe

É assim como a luz
 No coração...Mas prá fazer um samba
 com beleza
 É preciso um bocado de tristeza
 É preciso um bocado de tristeza
 Senão não se faz um samba
 Não!...Fazer samba não é
 Contar piada
 E quem faz samba assim
 Não é de nada
 Põe um pouco de amor
 Numa cadência
 E vai ver que ninguém
 No mundo vence
 A beleza que tem um samba
 Não!...
 Porque o samba nasceu
 Lá na Bahia

O bom samba é uma forma
 De oração...Porque o samba é a tristeza
 Que balança
 E a tristeza tem sempre
 Uma esperança
 A tristeza tem sempre
 Uma esperança
 De um dia não ser mais triste
 Não!
 E se hoje ele é branco
 Na poesia
 Se hoje ele é branco
 Na poesia
 Ele é negro demais
 No coração...

Bois Don't Cry

Mamonas Assassinas

Ser corno ou não ser
 Eis a minha indagação
 Sem você vivo sofrendo
 Pelos "buteco" bebendo
 Arrumando confusão...
 Você é muito fogosa
 Tão bonita e carinhosa
 Do jeito que eu sempre quis
 Minha coisinha gostosa
 Dá aos pobres, é bondosa
 Sou corno mas sou feliz...
 Soy un hombre conformado
 Escuto a voz do coração
 Sou um corno apaixonado

Sei que já fui chifrado
 Mas o que vale é tesão...
 E na cama quando inflama
 Por outro nome me chama
 Mas tem fácil explicação:
 O meu nome é Dejair
 Facinho de confundir
 Com João do Caminhão...
 Vejam só como é que é
 A ingratidão de uma mulher
 Ela é o meu tesouro
 Nós fomos feitos
 Um pro outro
 Ela é uma vaca
 Eu sou um touro...

Um Dia de Domingo

Michael Sullivan e Paulo Massadas

Eu preciso te falar
 Te encontrar
 De qualquer jeito
 Pra sentar e conversar
 Depois andar
 De encontro ao vento
 Eu preciso respirar
 O mesmo ar que te rodeia
 E na pele quero ter
 O mesmo sol
 Que te bronzeia
 Eu preciso te tocar
 E outra vez
 Te ver sorrindo
 Te encontrar num sonho lindo

Já não dá mais pra viver
 Um sentimento sem sentido
 Eu preciso descobrir
 A emoção de estar contigo
 Ver o sol amanhecer
 E ver a vida acontecer
 Como um dia de domingo
 Faz de conta que
 Ainda é cedo
 Tudo vai ficar
 Por conta da emoção
 Faz de conta que
 Ainda é cedo
 E deixar falar a voz
 do coração

Aquarela do Brasil

Ary Barroso

Brasil, meu Brasil Brasileiro,
 Meu mulato inzoneiro,

Vou cantar-te nos meus versos:
 O Brasil, samba que dá

*Bamboleio, que faz gingar;
O Brasil do meu amor,
Terra de Nosso Senhor.
Brasil!... Brasil!... Prá mim!... Prá mim!...
Ô, abre a cortina do passado;
Tira a mãe preta do cerrado;
Bota o rei congo no congado.
Deixa cantar de novo o trovador
À merencória à luz da lua
Toda canção do meu amor.
Quero ver essa Dona caminhando
Pelos salões, arrastando
O seu vestido rendado.
Brasil!... Brasil! Prá mim ... Prá mim!...
Brasil, terra boa e gostosa
Da moreninha sestrosa*

*De olhar indiferente.
O Brasil, verde que dá
Para o mundo admirar.
O Brasil do meu amor,
Terra de Nosso Senhor.
Brasil!... Brasil! Prá mim ... Prá mim!...
Esse coqueiro que dá coco,
Onde eu amarro a minha rede
Nas noites claras de luar.
Ô! Estas fontes murmurantes
Onde eu mato a minha sede
E onde a lua vem brincar.
Ô! Esse Brasil lindo e trigueiro
É o meu Brasil Brasileiro,
Terra de samba e pandeiro.
Brasil!... Brasil!*

A Rita

Chico Buarque

*A Rita levou meu sorriso
No sorriso dela
Meu assunto
Levou junto com ela
O que me é de direito
E Arrancou-me do peito
E tem mais
Levou seu retrato,

seu trapo, seu prato
Que papel!
Uma imagem de São Francisco
E um bom disco de Noel*

*A Rita matou nosso amor
De vingança
Nem herança deixou
Não levou um tostão
Porque não tinha não
Mas causou perdas e danos
Levou os meus planos
Meus pobres enganos
Os meus vinte anos
O meu coração
E além de tudo
Me deixou mudo
Um violão*

Prece Ao Vento

Fernando Mendes

*Vento que balança as palhas do coqueiro
Vento que encrespa as ondas do mar
Vento que assanha os cabelos da morena
Me traz notícia de lá
Vento que assovia no telhado
Chamando para lua espionar*

*Vento que na beira lá da praia
Escutava o meu amor a cantar
Hoje estou sozinho e tu também
Triste, mas lembrando do meu bem
Vento diga, por favor,
Aonde se escondeu o meu amor*

Sessão 9 –(10-06-2011)

Professores participantes: Karina, Eliane, Lara, Márcia, Flávio, Lídia, Maria, Carlos, Amanda e Gilberto (10)

Aquecimento:

Os instrumentos foram colocados no centro da sala. Solicitou-se aos participantes que andassem em círculo e olhassem os instrumentos ali dispostos. A seguir, cada um escolheu um instrumento musical com o qual mais se identificou.

Depois de escolher os instrumentos de sua preferência, foi pedido aos participantes que ficassem com os olhos fechados e tentassem perceber a textura, a temperatura, a forma e o tamanho do instrumento escolhido. Em seguida, começaram a explorar a sonoridade dos instrumentos escolhidos em todas as suas possibilidades.

Desenvolvimento:

Improvisação musical livre. A musicoterapeuta pediu aos participantes que tocassem os instrumentos musicais de forma livre. No primeiro momento, tocaram apenas os instrumentos e, à medida que grupo se organizava, foram surgindo canções. Trouxeram, inclusive, canções partilhadas durante a primeira experiência de improvisação musical ocorrida na terceira sessão (Tiro ao Álvaro e Trem das Onze).

O grupo tocou e cantou de forma mais coesa; não houve subgrupos. Todos os participantes partilharam, ao mesmo tempo, as mesmas canções. Posteriormente cantaram a composição que fizeram na quinta sessão e entoaram músicas cantadas nas sétima e oitava sessões (*Que nem Jiló*, *Samba da Bênção* e *Ai que Saudade D'ocê*). Alguns participantes trocaram instrumentos entre si enquanto cantavam.

Fechamento e Observações da Musicoterapeuta:

No fechamento, cada participante falou da sensação obtida naquele momento. O grupo gostou muito de participar dessa vivência. Cada um deles trouxe em sua fala a importância do entrosamento em equipe e a constatação de que nenhuma equipe se constrói sozinha. Afirmaram que, após essas vivências, conseguem perceber o outro e a ação conjunta que define ou não um bom trabalho em equipe no sentido de se alcançarem os objetivos. Flávio destacou a importância de ter os colegas tocando juntamente com ele. “Me senti muito bem e acolhido pelo grupo”. A musicoterapeuta levou essa questão para o ambiente de trabalho e pontuou alguns aspectos relativos ao relacionamento nesse ambiente profissional. Assim entendendo, foram destacados valores respectivos a amizade, a compreensão e ao respeito que se deve ter na relação com o outro. A interação ocorreu espontaneamente durante a vivência realizada. Os participantes disseram que, mesmo depois da pesquisa, gostariam de continuar participando de um grupo de musicoterapia.

Leitura musicoterapêutica:

A improvisação musical feita pelos integrantes do grupo mostrou o nível de interação entre eles. Comparando-se essa improvisação com a primeira improvisação ocorrida na terceira sessão, foi possível perceber mudanças em relação ao comportamento e entrosamento da equipe. As mudanças foram significativas no tocante à sinergia e à integração grupal. Na improvisação ocorrida nessa sessão, os participantes conseguiram desempenhar de forma prazerosa o fazer musical em conjunto, compartilharam ideias, sentimentos e sensações provenientes do desenvolvimento das relações interpessoais estabelecidas na equipe.

Nesse processo, as mudanças ocorridas foram enfatizadas na maneira de executar a improvisação musical. Os participantes apresentaram-se mais participativos, dispostos e engajados no desenvolvimento da tarefa dada. A experiência da improvisação proporcionou satisfação e entrosamento, os quais foram manifestados verbalmente pelos próprios participantes depois da vivência.

Bruscia (2000) afirma que, nas situações de improvisação, o cliente ou grupo faz música tocando ou cantando, criando uma melodia, um ritmo, uma canção ou uma peça musical de improviso. Na improvisação livre, o cliente ou grupo pode utilizar qualquer meio musical dentro de sua capacidade (voz, sons corporais, percussão e instrumentos variados). Os objetivos da improvisação musical são os seguintes:

- 1)- Estabelecer um canal de comunicação não-verbal e uma ponte para a comunicação verbal.
- 2)- Dar sentido à auto-expressão e à formação da identidade.
- 3)- Explorar os vários aspectos do eu na relação com os outros.
- 4)- Desenvolver a capacidade de intimidade interpessoal.
- 5)- Desenvolver habilidades grupais.
- 6)- Desenvolver a criatividade, a liberdade de expressão, a espontaneidade e capacidade lúdica.
- 7)- Estimular e desenvolver os sentidos.
- 8)- Desenvolver habilidades perceptivas e cognitivas (p.124-125).

Por meio da improvisação durante essa sessão, o grupo atendido conseguiu desenvolver a confiança e intimidade grupal. Robbins (2002) afirma que, quando uma equipe consegue desenvolver a confiança entre seus membros, o relacionamento interpessoal toma uma dimensão de integridade, consistência, competência, lealdade e abertura. Para o autor, a integridade se refere à honestidade e à confiabilidade. “Sem a percepção do caráter moral e da honestidade básica do outro, as demais dimensões da confiança perdem seu sentido” (p.326). A consistência entre palavras e ações expressas pela equipe aumentam a confiança. A competência engloba habilidades, como também conhecimentos técnicos e interpessoais do indivíduo. A lealdade é a disposição de

proteger e defender outra pessoa, e a abertura acontece quando cada participante demonstra confiança com os demais integrantes da equipe.

Robbins (2002) esclarece que a confiança entre os membros de uma equipe é processual, não deve ser imposta e sim construída. O autor detalha alguns pontos que devem ser considerados pelos membros de equipes para a construção da confiança: 1)- Manter-se aberto. 2)- Ser justo. 3)- Expor sentimentos. 4)-Dizer a verdade. 5)- Demonstrar consistência . 6)-Cumprir promessas. 7)- Manter sigilo sobre as confidências. 8)-Demonstrar competência.

Em se considerando as ideias relativas à construção da confiança, descritas por Robbins (2002), pode-se dizer que a equipe em questão apresentou na vivência musicoterapêutica interações que partiram da confiança estabelecida na equipe.

Sessão 10 – (17-06-2011)

Professores participantes: Karina, Eliane, Lara, Márcia, Flávio, Lídia, Maria, Carlos, Amanda, Gilberto e Joana (11).

Aquecimento:

Café da manhã (encerramento da pesquisa proposto pela própria equipe). Os componentes do grupo tiveram um momento de confraternização pelo término da pesquisa. Durante o lanche, ouviram as músicas trazidas por eles mesmos durante todo o processo.

Desenvolvimento:

Os participantes sentados em círculo refletiram acerca da letra da música “Epitáfio” (Titãs). A musicoterapeuta distribuiu a letra impressa. Após cantarem a música, fizeram uma reflexão referente ao conteúdo expresso na letra da música.

Fechamento e Observações da Musicoterapeuta:

Pedi-se aos participantes que relatassem como foi participar do processo musicoterapêutico. Todos eles demonstraram mudanças em suas falas, comparando-se o início e final do processo. Algumas pessoas que tinham dificuldades em se comunicar com outras, por questões de afinidade, conseguiram desbloquear essa comunicação e passaram a interagir de forma mais coesa e integrada, não apenas os colegas da

pesquisa, mas também com aqueles que não participaram das atividades; inclusive, mostraram-se mais flexíveis no que diz respeito ao trato com os colegas de trabalho; revelaram também, em seus depoimentos, a importância de ver o outro em sua totalidade (qualidades e defeitos). Ademais, relataram que o trabalho musicoterapêutico foi de suma importância para reavaliar conceitos e pré-conceitos dentro do ambiente de trabalho e que até mesmo os colegas que não integraram a pesquisa já haviam notado tais mudanças. Enfim, para os participantes, o trabalho musicoterapêutico possibilitou uma mudança na maneira pensar e de agir no ambiente de trabalho, tanto no trato com as pessoas, quanto na maneira de perceber que o trabalho em equipe tem maior funcionalidade quando se dispõe a alcançar objetivos em comum.

Antes do término dessa sessão, no final da pesquisa, os participantes responderam o questionário 2 (ANEXO 5).

Leitura musicoterapêutica:

O primeiro momento da sessão trouxe muita descontração aos participantes. A equipe estava toda presente. Relataram que se sentiram muito bem durante o processo musicoterapêutico. Para eles, a oportunidade de trabalhar o desenvolvimento interpessoal, a interação e as competências resultaram na melhoria do trabalho e também de cada um como ser humano. De acordo com os relatos, as relações interpessoais passaram por transformações que refletiram positivamente na instituição em que atuam. Tais mudanças foram sentidas por todos.

A música Epitáfio (Titãs), trazida nessa sessão, promoveu uma discussão na equipe quanto aos aspectos relacionados à vida. Os participantes perceberam que a reflexão é algo importante e válido não apenas para o trabalho em si, mas também nas interações que acontecem dentro e fora dele. Disseram que cada um precisa ter senso de amor para consigo mesmo e com os outros. Também relataram a respeito da ética e da necessidade do entendimento da condição e compreensão humanas, termos trazidos por Morin (2011b).

Esse autor (2011b) aponta a necessidade de despertar a ética do gênero humano. Nesse sentido, utiliza o termo *antropoética* para designar a ética propriamente humana. Segundo o autor, a *antropoética* deve ser considerada como a ética da cadeia de três termos: *indivíduo* ↔ *sociedade* ↔ *espécie*, de onde emerge a consciência e o

espírito humanos. Para o autor, a *antropoética* supõe a decisão consciente e esclarecida de

1)- Assumir a condição humana *indivíduo- sociedade-espécie* na complexidade do nosso ser. 2)- Alcançar a humanidade em nós mesmos na nossa consciência pessoal. 3)- Assumir o destino humano em suas antinomias e plenitude. A antropoética instrui-nos a trabalhar assumir a missão antropológica do milênio: Trabalhar para a humanização da humanidade; efetuar a dupla pilotagem do planeta: obedecer à vida, guiar a vida; alcançar a unidade planetária na diversidade; respeitar no outro, ao mesmo tempo a diferença e a identidade quanto a si mesmo; desenvolver a ética da solidariedade; desenvolver a ética da compreensão; ensinar a ética do gênero humano (p.94).

A *antropoética* abrange, assim, a esperança na completude da humanidade como consciência e cidadania planetária. A *antropoética* compreende toda ética, aspiração e vontade, mas também aposta no incerto. Ela é consciência individual, além da individualidade (MORIN, 2011b). No processo musicoterapêutico da equipe em questão, os participantes foram despertados na reflexão e na ação para os conceitos da autopoética; esse fato promoveu mudanças significativas na consciência de cada um referentes aos quesitos expostos na mencionada citação.

Morin (2011b) refere que, para entender a condição humana, é necessário que o indivíduo se reconheça em sua humanidade comum e, ao mesmo tempo, reconheça a diversidade cultural inerente a tudo o que é humano. O autor comenta que conhecer o humano é, antes de tudo, situá-lo no universo e não separá-lo dele. O ser humano deve reconhecer seu duplo enraizamento no cosmos físico e na esfera viva e, ao mesmo tempo, seu desenraizamento propriamente humano.

O entendimento da condição humana permite que o indivíduo aja de maneira mais solidária em relação ao planeta, aos outros seres humanos e consigo mesmo. No processo musicoterapêutico da equipe em questão, as reflexões no tocante à condição humana contribuíram para o desenvolvimento de mudanças significativas em cada participante, tanto nas relações interpessoais no ambiente de trabalho, quanto na percepção intrapessoal no tocante à aceitação de si mesmo.

O grupo conseguiu desenvolver os aspectos relacionados à compreensão humana, principalmente os referentes à interiorização da tolerância e do respeito ao outro. Quanto à tolerância, Morin (2011b) assim esclarece:

A verdadeira tolerância não é indiferente às ideias ou ao ceticismo generalizados. Supõe convicção, fé, escolha ética, ao mesmo tempo, aceitação da expressão de ideias, convicções, escolhas contrárias às nossas. A tolerância

supõe sofrimento, ao suportar a expressão de ideias negativas ou, sendo nossa opinião, nefastas, e a vontade de assumir este sofrimento (p.88).

O processo musicoterapêutico da equipe atendida favoreceu o desenvolvimento da tolerância em todos os graus. Segundo Morin (2011b), esse movimento perpassa quatro graus: o primeiro obriga o indivíduo a respeitar o direito de proferir um propósito que possa parecer ignóbil. Ser tolerante não significa respeitar o ignóbil, mas trata-se de evitar que se imponha uma concepção sobre o ignóbil, a fim de proibir uma fala. O segundo está associado à democracia. “A essência da democracia é nutrir-se de opiniões diversas e antagônicas” (p.89). Assim, o princípio democrático conclama cada um a respeitar a expressão de ideias antagônicas às suas. O terceiro grau obedece à concepção de que há uma verdade na ideia antagônica e essa verdade precisa ser respeitada. O quarto grau vem da consciência humana por mitos, ideologias, ideias ou deuses, assim como da consciência das derivas que levam os indivíduos bem mais longe, a um lugar diferente daquele aonde querem chegar.

4.2.2 Questionários: a Escuta dos Sujeitos

O primeiro questionário (aberto) foi aplicado no início da pesquisa com perguntas voltadas para a competência interpessoal. As quatro questões dizem respeito ao momento de vida atual, às expectativas em relação ao processo musicoterapêutico, à opinião de cada participante quanto ao relacionamento com colegas de trabalho e alunos, e à autoavaliação de suas competências interpessoais. As respostas demonstraram dificuldades no relacionamento interpessoal da equipe e, entre esses itens destacaram-se: falta de paciência, dificuldades em aceitar ideias alheias, inflexibilidade, desgaste emocional da equipe, falta de diálogo, indiferença, insensibilidade, timidez, medo de críticas, falta de autonomia e intolerância. Todos os participantes alegaram que, apesar dessas dificuldades, a equipe se preocupa em ter um comportamento ético uns com os outros.

Ainda no primeiro questionário, os componentes do grupo relataram dificuldades de relacionamento fora do ambiente de trabalho. Cinco deles alegaram possuir algum tipo de problema familiar, principalmente na relação com os filhos adolescentes. Demonstraram ainda dificuldades de concentração no trabalho quando estão com problemas familiares.

O segundo questionário (aberto) foi respondido no final da coleta de dados, quando os participantes descreveram o processo musicoterápico grupal do qual

participaram. As quatro questões dizem respeito ao momento de vida atual, às repercussões da participação no processo musicoterapêutico, à opinião de cada um deles quanto ao relacionamento com colegas de trabalho e alunos e à autoavaliação de suas competências interpessoais após o processo. Todos perceberam mudanças nas relações intra e interpessoais e consideraram estar mais crítico-reflexivos depois do processo. Para melhor detalhamento dos resultados, e por ser o objeto de estudo desta pesquisa, serão apresentadas as transcrições das repostas de cada participante referentes à autoavaliação das competências interpessoais no momento da finalização do processo musicoterapêutico.

Gilberto: “Percebo que foi um relacionamento de entrosamento e muita sinceridade. Acredito que ficamos mais sensíveis às limitações e necessidades de cada um. Muito do que foi experienciado no processo musicoterápico se estendeu a outras atividades no ambiente de trabalho, o que permitiu momentos de descontração, até mesmo com os colegas do Ciranda que não participaram da terapia” .

Lídia: “Acredito que essa experiência pôde beneficiar os aspectos de relações de trabalho, melhorando a convivência, respeitando o outro e agindo sempre com ética. Logo, acredito que seria interessante a proposta se ampliar para dar continuidade ao trabalho contribuindo para a melhoria da qualidade das relações das pessoas. Com a finalização do processo surgiu a possibilidade de dar continuidade ao trabalho no sentido de melhorar e contribuir com as relações de trabalho. E durante este momento foi importante e de grande valia compartilhar um problema que foi desenvolvido na equipe [...]. Concordo que devemos nos esforçar e termos abertura para tentar reverter e melhorar a relação pessoal e esta certamente permite a fluidez, flexibilidade, respeito e ética no trabalho”.

Marcia: Aprendi a ouvir e ser menos impulsiva. Tivemos problemas com uma professora que não aceitava mudanças ou interferências em seu trabalho. O curso nos auxiliou a buscar entender o que estava acontecendo com ela, a ouvi-la, ter paciência e ajudá-la a enfrentar suas limitações. A partir daí reavaliamos o nosso papel dentro do curso e junto aos professores Estou mais sensível aos sons que me cercam (o que me agrada ou não), as pessoas que convivo (respeitando suas diferentes formas de pensar e agir) e principalmente as coisas que me dizem respeito, (que falam de mim para mim).

Estou procurando me aproximar de algumas pessoas, ser mais atenciosa e menos ansiosa no trato com as pessoas”.

Eliane: Foi a experiência mais prazerosa neste ano, pude viver momentos únicos onde deixei de lado todo o rigor do trabalho e me envolvi na emoção de estar vivendo o som das coisas sem medo ou culpa, apenas ouvindo e sendo ouvida. Envolvida por uma mágica relação de interação e companheirismo. Eu sempre tive um bom relacionamento com meus colegas de trabalho, porém com meus alunos havia certo distanciamento, uma frieza, que nunca antes havia me preocupado. Durante o processo musicoterápico percebi o quando isso tornava minhas aulas tensas e agora me coloco mais próxima (amiga) dos meus alunos, tive um grande ganho. Agora estou disposta a viver mais próxima dos meus alunos e dos colegas de trabalho, pois as relações vão além do bom dia e do como vai, posso tocar, abraçar, me decepcionar e, mesmo assim, ser profissional.

Lara: “Foi muito rico perceber e conhecer mais um pouco de cada um, seus sentimentos, aflições, medos, angústias, os sentimentos guardados e às vezes até reprimidos de alguma forma. Foi uma oportunidade de perceber os colegas por um outro olhar”.

Karina: “Foi muito bom, sempre tive interesse em participar de um grupo de musicoterapia, pois adoro cantar. No ambiente de trabalho foi muito rico, por estar com pessoas sensíveis como eu, que percebem a vida sob a perspectiva da arte. Passei a falar das coisas que me incomodavam, a me posicionar verbalmente. A música mexeu muito comigo, pois faço dela minha porta voz, e há tempos não encontrava um lugar para cantar, nesse processo musicoterápico encontrei esse lugar”.

Amanda: “Foi uma experiência super agradável. Me proporcionou refletir mais sobre minhas atitudes com os parceiros de trabalho. Tenho vontade de refletir antes de agir e isso é bom”.

Carlos: “Creio estar mais solidário, paciente e tolerante para com meus colegas, no que diz respeito ao trato com os defeitos, ou aquilo que não nos agrada. Percebo os resultados desse trabalho nas relações entre professor X professor e professor X alunos”.

Joana: *“O trabalho foi muito produtivo na minha vida. Me fez refletir sobre o que é ensinar arte. Consegui experimentar sensações e sentimentos que não sabia que existiam em mim. Descobri que a música está muito além daquilo que vemos por aí. Ela toca a alma”*.

Flávio: *“Durante o processo musicoterápico percebi expressões humanas que acredito que fazem parte de nossas decisões e escolhas no ambiente de trabalho: a sensibilidade e a emoção. Considero que estou mais reflexivo e atencioso com as questões emocionais”*.

Maria: *“Ficaram mais evidentes as relações com minhas colegas de trabalho, pois desde a semana do encerramento elas tem cumprimentado as pessoas e até dialogado comigo. Minhas competências interpessoais estão mais amadurecidas. A cada dia tenho tentado e conseguido superar vários desafios relacionados com o modo de como me coloco diante das pessoas e diante do mundo.*

4.3 DISCUSSÃO DOS DADOS: MUSICOTERAPIA SOB O OLHAR DA COMPLEXIDADE

A discussão foi realizada com base no cruzamento dos dados coletados e das leituras musicoterapêuticas em triangulação com a revisão de literatura, nas áreas de Musicoterapia e suas relações com conceitos como competência interpessoal e desenvolvimento de equipe, tendo como fundamentação a Teoria da Complexidade.

Em relação aos relatos dos participantes expressos nas sessões musicoterapêuticas e nos questionários respondidos no início e final da pesquisa, pode-se afirmar que os objetivos esperados foram correspondidos e que a musicoterapia contribuiu para o desenvolvimento da competência interpessoal de professores de arte da rede pública estadual de ensino.

O processo musicoterapêutico grupal em questão favoreceu o desenvolvimento de várias habilidades relacionadas à interação e compreensão humana e refletiu positivamente no desenvolvimento das competências interpessoais. Os participantes revelaram em suas falas (das sessões que foram gravadas e questionários) mudanças significativas que ocorreram no relacionamento entre os membros da equipe. Tais mudanças foram percebidas não apenas no decorrer do processo musicoterapêutico

em si, mas também nos relacionamentos interpessoais de cada um em seu cotidiano, com repercussões nos diversos contextos sociais. De acordo com os relatos, as mudanças foram percebidas também pelos outros professores de arte que trabalham na instituição e que não participaram da pesquisa.

Ao se compararem os questionários 1 e 2 (respondidos antes e após o processo musicoterapêutico), percebeu-se que as informações mais significativas foram referentes à existência de uma “nova equipe”, com outras características, quais sejam: mais solidária, mais participativa e mais entrosada. Robbins (2002) considera que uma equipe de trabalho “é um grupo em que os esforços individuais resultam em nível de desempenho maior do que a soma das entradas individuais” (p.250). No caso da equipe participante deste estudo, os esforços de cada um resultaram na colaboração e na solidariedade mútuas.

As mudanças ocorridas durante a realização da pesquisa foram trazidas pelos participantes em seus depoimentos e estão relacionadas com o desenvolvimento e melhoria de aspectos, tais como: respeito, ética, flexibilidade, empatia, comunicação, interação, percepção e aceitação do outro tal como ele é, autoaceitação, interiorização, tolerância, lucidez, visão global, reflexão e solidariedade.

Todos os membros do grupo perceberam mudanças significativas no trato com colegas e na relação com alunos (para aqueles que trabalham em escolas). As mudanças também passaram pelo intrapessoal. Pelos relatos deduz-se que o trabalho em equipe desenvolveu e ampliou o olhar e a compreensão de si mesmo e isso refletiu positivamente na compreensão do outro. Esses aspectos podem ser encontrados na afirmação de Carlos: *“Creio estar mais solidário, paciente e tolerante para com meus colegas, no que diz respeito ao trato com os defeitos ou aquilo que não nos agrada”*.

A equipe conseguiu desenvolver o pensamento complexo por meio da participação no processo musicoterapêutico. Morin (2011b) considera que “a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade” (p.36). Assim, quando um indivíduo consegue desenvolver o pensamento complexo, ele percebe que os elementos diferentes são inseparáveis e constituem o todo.

No processo em estudo foi possível notar que, mesmo considerando-se as diferenças de pensamentos e ideias de cada participante, a equipe só se desenvolveu enquanto tal quando houve a participação e compreensão de todos, principalmente no

que diz respeito às diferenças. O processo estimulou a reflexão de cada participante, favorecendo o desenvolvimento das relações intra e interpessoais. As discussões geradas nos momentos de compartilhamento das sessões contribuíram para a mudança na maneira de pensar e agir, refletindo na coesão da equipe.

Apoiando-se na curva de desempenho criada por Katzenbach e Smith (2001), exposta no capítulo 2 (item 2.3), a equipe em questão pode ser considerada como uma equipe real. Os autores consideram que na equipe real os integrantes desenvolvem habilidades complementares, são comprometidos uns com os outros, por meio de missão e objetivos comuns e abordagem de trabalho bem definida. A confiança mútua e responsabilidade são plenamente assumidas pelo desempenho da equipe real. O trabalho musicoterapêutico favoreceu o crescimento do grupo em questão. Foi possível detectar na ação os aspectos que poderiam ser melhorados no desenvolvimento do processo.

Foram apresentadas na leitura musicoterapêutica da 2ª sessão as formas de ajuda em musicoterapia propostas por Bruscia (2000). A utilização dessas formas no processo musicoterapêutico promoveram mudanças no comportamento e no desenvolvimento da sinergia na equipe; favoreceram também a saúde e o bem-estar dos integrantes. Durante os atendimentos musicoterapêuticos, as formas de ajuda (empatia, oportunidades para autoexpressão, interação, comunicação, *feedback*, exploração, conexões, reparação, influência, motivação e validação) foram trabalhadas juntamente com os quatro tipos de experiências musicais em Musicoterapia descritos por Bruscia (2000): improvisação, composição, recriação e audição musical.

Para esse autor (2000), a empatia se estabelece no momento em que ocorre o processo de identificação, isto é, quando uma pessoa se identifica com a outra e imagina o que aquela pessoa possa experimentar “O desenvolvimento da empatia é capaz de promover ações que são sincronizadas num mesmo tempo, corpos que ressoam às mesmas vibrações, atenção que se dirige para o mesmo foco, emoções que são refletidas um no outro, assim como a música e os pensamentos se fundem” (p.66). Na 2ª sessão, os aspectos relacionados com o desenvolvimento da empatia começaram a ser trabalhados quando os participantes foram “espelhos e imagens” uns dos outros.

Na 3ª sessão, na qual se utilizou a improvisação musical, o enfoque no desenvolvimento da empatia foi ainda maior. Os participantes partilharam canções em comum e reforçaram o desenvolvimento das relações interpessoais. Bruscia (2000)

considera que “a música é um meio de empatia por excelência” (2000). Para o autor, quando se canta uma música com o outro, vive-se a mesma melodia, compartilha-se o mesmo centro tonal, articula-se a mesma letra, move-se de acordo com o mesmo ritmo, a cada som, através de uma atenção mantida no outro e através de esforços contínuos para a permanência conjunta, a ponto de se tornarem um na experiência. Tais características podem ser observadas na fala de Amanda: “*Foi muito bom tocar e cantar essas músicas com os colegas*” (transcrição da gravação de vídeo da 3ª sessão).

A improvisação musical ocorrida na 3ª sessão promoveu a autoexpressão de cada participante. Bruscia (2000) considera que “a música é a arte em que a pessoa se expressa através do som” (p.68). Por meio dela é possível transformar as sensações corporais internas, movimentos, sentimentos e ideias em formas sonoras externas que podem ser ouvidas. Para o autor, quando se canta ou toca um instrumento, a energia interna do indivíduo é liberada para o mundo externo. Assim, a experiência da improvisação musical na equipe em questão favoreceu o desvendar das emoções pelo fazer musical, deu formas aos impulsos de cada um, expressos por meio da fala no fechamento da sessão, revelando ideias até então não pronunciadas. Assim, a autoexpressão musical não foi apenas a exteriorização e liberação de sentimentos, mas também contribuiu para o desenvolvimento da interação.

Bruscia ainda considera que a interação envolve a preocupação com o engajamento do indivíduo no mundo externo, no sentido de uma influência mútua do tipo dar-e-receber. “É um processo de agir sobre e sofrer a ação de outros de uma forma recíproca” (2000). Destarte, musicoterapia implica interação. A razão reside no fato de que escutar e criar música são meios naturais e fáceis para se relacionar com outros.

Na 4ª sessão, na qual se utilizou a audição musical, a equipe começou a reforçar a interação entre seus membros. A experiência da audição musical promoveu um novo olhar para o outro, no que diz respeito à aceitação das preferências; então, cada participante conseguiu escutar as músicas advindas da sessão anterior (improvisação musical) trazidas pelos colegas. Bruscia (2000) considera que um componente importante para o desempenho dos papéis relacionais em musicoterapia é aprender a ouvir o outro. Assim, o trabalho musicoterapêutico realizado na 4ª sessão possibilitou a escuta, não apenas das preferências, mas também a escuta do outro, promovendo-se a interação grupal.

Levando-se em conta a interação, os espaços se abrem para a comunicação. “A comunicação envolve a troca de idéias e de sentimentos com os outros [...] a comunicação é a interação com um propósito particular: codificar e decodificar e, desse modo, trocar mensagens ou informações com os outros” (BRUSCIA, 2000, p.70).

Na 5ª sessão trabalhou-se a composição musical feita pela equipe. O desenvolvimento da composição por meio do tema proposto, “*O nosso grupo*”, promoveu a comunicação dos participantes, o compartilhamento de ideias, o planejamento grupal e o desenvolvimento interpessoal. A experiência da composição musical talvez tenha sido a tarefa mais difícil de ser cumprida em todo o processo terapêutico vivenciado. Os participantes expuseram, na letra da música, aspectos relacionados com o cotidiano vivido por eles no dia do encontro da equipe, do atendimento musicoterapêutico. A composição se deu motivada pela paródia da música “Trem das Onze” (Adoniran Barbosa).

A música “Trem das Onze” apareceu pela primeira vez na 2ª sessão. A partir daí, foi a mais cantada durante o processo. Após a 5ª sessão, a música ganhou uma versão (composição musical) sendo a letra original substituída pela paródia feita pela equipe. A letra original faz referência à falta de compromisso de uma pessoa para com a outra. O compositor narra uma situação em que um homem fica o tempo todo “dando desculpas” para uma mulher, dizendo que não pode estar com ela porque existem muitas outras coisas que ele precisa fazer e cuidar.

Com relação ao trabalho musicoterapêutico da equipe em questão, pôde-se observar que tais aspectos, como a falta de compromisso com o outro, a falta de empatia, a falta de entrosamento e até mesmo o receio de se trabalharem em terapia as relações interpessoais, ficaram mais evidentes na escolha da música “Trem das Onze”, na 2ª sessão. Quando a interação e a comunicação começaram a ser desenvolvidas, a equipe sentiu a necessidade de “mudar” a letra da música, colocando o foco na relação musicoterapêutica desenvolvida até então. Observou-se que as relações interpessoais passaram a ser melhoradas a partir da comunicação estabelecida pela composição musical.

Para melhor detalhamento, serão apresentadas as duas letras da música “Trem das Onze”, a original e a modificada (paródia- composição musical da 5ª sessão), bem como a partitura da composição feita pela equipe.

Trem das Onze (Adoniran Barbosa)

*Não posso ficar nem mais um minuto com você
Sinto muito amor, mas não pode ser
Moro em Jaçanã, Se eu perder esse trem
Que sai agora às onze horas
Só amanhã de manhã.
Além disso, mulher
Tem outra coisa,
Minha mãe não dorme
Enquanto eu não chegar,
Sou filho único
Tenho minha casa para olhar
E eu não posso ficar.*

O nosso grupo (Paródia composta na 5ª sessão)

*Lara falou que a Maria se atrasou.
Amanda já se revelou.
Márcia cedo chegou e engoliu dois café,
enquanto Lídia se alongava,
Karina de roupa trocou.
E a Eliane meu Deus, que coisa louca,
logo cedo na passarela encantou.
Flávio poetizou e o grupo todo se empolgou.
Falta alguém chegar o Gilberto
e o Carlos pra comple.*

O NOSSO GRUPO

Paródia da música Trêm das Onze: Sessão 5

Adoniran Barbosa (1910-1982)



La-ra fá - lou que a Ma - ri - a se a - tra - sou ____



A - man - da, ____ já se re - ve - lou ____ Már - cia ce - do ____ che - gou



____ c_en - go - liu dois ca - fês en - quan - to Li - dia se a - lon - ga - va Ka - ri - ma de



rou - pa ____ tro - cou, ____ La - ra fá - E, a E - li - a - ne, meu Deus, que coi - sa lou - ca ____



lo - go ce - do na pas - sa - re - la en - can - tou ____ Flá - vio ____ po - e -



- ti - zou e o gru - po to - do se em - pol - gou, ____ fal -



ta ____ al - guém ____ che - gar ____ o Gil - ber - to, e o Car - los prá com - ple - tar ____ fal - ta al - guém prá che -



gar, fal - ta al - guém prá che - gar o Gil - ber - to e o Car - los prá com - ple - tar ____

A partir da 5ª sessão, a questão de dar receber *feedback* ficou mais evidente na equipe. Para Bruscia (2000), fazer música sempre envolve *feedback*. “Colocamos o

som para fora e em seguida o ouvimos, nós nos fazemos soar e em seguida nos ouvimos soando” (p.71). O autor considera que o *feedback* dado por meio da música é essencial para a terapia por ser a base sobre a qual o indivíduo reconhece a necessidade de mudanças.

No trabalho musicoterapêutico realizado na 6ª sessão, os participantes receberam *feedback* de suas próprias expressões e interações musicais com a musicoterapeuta. A equipe explorou musicalmente a composição feita por eles. Para a execução foi acrescentada outra voz (mais grave). Houve preocupação de todos em validar a composição quando a equipe se mostrou engajada em promover melhorias na execução dessa construção musical (afinação, respiração, harmonia). A cooperação mútua entre participantes e a musicoterapeuta fez-se presente, promovendo a interação por meio do fazer musical e a exploração das alternativas e potenciais de cada um. A presença da musicoterapeuta oportunizou à equipe um olhar mais detalhado do fazer musical.

Bruscia (2000) esclarece que, quando uma pessoa faz música, ela a faz tomando problemas ou desafios particulares e então começa a explorar as opções musicais que estão disponíveis, dados os limites inerentes impostos à tarefa. Depois, ela tem que avaliar as opções, tomar decisões e elaborá-las.

Acredita-se que o ato de fazer música tornou-se, para a equipe em questão, algo diferente; elaborada a composição, os participantes tiveram que decidir juntos qual seria a melhor forma de executá-la, utilizando os recursos considerados relevantes por todos e que estivessem disponíveis. Logo, a exploração criativa foi uma forma de trabalhar o *feedback* que cada um teve do seu próprio ato de fazer música. Na 6ª sessão a equipe quis acrescentar na letra da composição uma frase, chamando a atenção para a presença de um participante que esteve ausente na 5ª sessão:

Lara falou que a Maria se atrasou.

Amanda já se revelou.[...]

Falta alguém chegar o Gilberto e o Carlos pra completar.

O Carlos com a gente já está, o Carlos com a gente já está, só falta o Gilberto pra chegar...

O NOSSO GRUPO

Paródia da música Trêm das Onze: sessão 6

Adoniran Barbosa (1910-1982)



La-ra fa - lou que a Ma - ri - a se a - tra - sou ____



A - man - da, já se re - ve - lou ____ Már - cia ce - do ____ che - gou



____ ce - no - go - liu dois ca - fês en - quan - to Lí - dia se a - lon - ga - va Ka - ri - ma de



rou - pa ____ tro - cou. ____ I - a - ra fa - E - a E - li - a - ne, meu Deus, que coi - sa lou - ca ____



lo - go ce - do na pas - sa - re - la en - can - tou ____ Flá - vio ____ po - e - ti - zou



e o gru - po to - do se em - pol - gou. ____ fal - ta ____ al - guém ____ che - gar ____



o Gil - ber - to, e o Car - los prá com - ple - tar ____ o Car - los com a gen - te já es -



tá o Car - los com a gen - te já es - tá só fal - ta, o Gil - ber - to prá ____ che - gar. ____

O grupo sentiu falta dos colegas que não estiveram presentes na 5ª sessão e, mesmo assim, fez questão de inserir o nome deles na composição. Essa atitude reforça a conexão já existente na equipe. Bruscia (2000) chama a atenção para a necessidade de fazer conexões. “O objetivo comum da musicoterapia é ajudar o cliente a fazer conexões de todos os tipos, recolocar as partes em um todo harmonioso” (p.73). O autor considera que a música é útil nesse sentido, porque ela própria envolve e requer todos os tipos de conexões. Afirma então:

Quando cantamos ou tocamos um instrumento, somos chamados a conectar nossos ouvidos com nossas mentes, nossos olhos com nossas mãos, nossos pensamentos com nossos sentimentos, nossas fantasias inconscientes com nossas intenções conscientes, nossas crenças com nossas ações, nossos mundos internos com o mundo externo e a nos conectarmos aos outros (p.73-74).

A música gerada pela composição tornou-se um modelo de harmonia, de (re)ligações, pois forneceu o mapa e os caminhos para a conexão das partes (participantes) com o todo (equipe). Por meio da vivência, a equipe percebeu a ideia do princípio hologramático que relaciona as partes ao todo e o todo às partes nos diversos níveis organizacionais, mostrando que toda ação implica interação, ou seja, inter-relação (MORAES, 2008).

A 7ª sessão teve um marco muito importante para a equipe. Por meio da atividade realizada, houve melhor compartilhamento dos sentimentos uns dos outros; isto promoveu a interação, a conexão e fortaleceu ainda mais as relações interpessoais existentes. O fato de compartilhar algo da vida pessoal evidenciou o desenvolvimento da competência interpessoal dos participantes por meio da compreensão humana (MORIN, 2011b).

A experiência de “lembrar” de uma pessoa muito querida e oferecer uma música a ela abriu espaços para que os participantes fossem estimulados a desenvolverem habilidades sensório-motoras, lúdicas, de contatos afetivos com outros, de estrutura e limite, encorajamento e esperança (BRUSCIA, 2000). A reparação aí estabelecida ajudou-os a partilhar o sentimento que gostariam de demonstrar para a pessoa lembrada, assim proporcionado pelo processo musicoterapêutico. Essa forma de ajuda foi de grande valia nesse momento, contribuindo para o estreitamento de laços e melhoria das competências interpessoais. Tais ações podem ser confirmadas pela fala de um dos professores de música no momento do fechamento da 7ª sessão: “Eu não sabia que a música tinha esse poder” (Gilberto). Para esse professor, a experiência da

recriação musical vivenciada na 7ª sessão teve influência direta em sua maneira de pensar em relação ao significado da música para ele. “Apesar de ser professor de música e estar em contato com a mesma o tempo todo, nunca senti algo assim. Foi forte demais para mim” (Gilberto).

Para Bruscia (2000), a influência é uma forma de ajuda em que o terapeuta ou a própria música tem poder de persuasão direta nos clientes ou grupo, ao invés de criar condições necessárias para a realização de mudança por eles mesmos. Assim, a música contribuiu para influenciar na mudança de conceitos pré-estabelecidos sobre o que era a música para esse participante.

Na 8ª sessão, os participantes foram orientados a buscar uma música que tivesse significado especial para eles no momento atual ou no passado. Essa atividade favoreceu o desenvolvimento intrapessoal. Foi uma oportunidade de cada participante olhar para si mesmo e partilhar um pouco com a equipe. As músicas apresentadas tiveram mais relações com o passado do que com o presente. Os participantes foram motivados a resgatar e mostrar, em um “palco”, uma música que tivesse referência direta com o que são. Assim, a motivação gerada durante essa vivência auxiliou-os na ultrapassagem de limites, na exploração de novos horizontes, na busca de novos recursos e na tentativa de novas maneiras de estar na e com a equipe.

Nessa atividade, os interesses do grupo foram motivados pelo puro prazer de cantar. Por meio do canto, foram levados à experiência de exaltação que contribuiu para reafirmação do que cada um representa para si e para a equipe. Millecco Filho, Brandão e Millecco (2001) afirmam que o canto tem como um de seus objetivos preservar o espaço de cada um. Assim, as relações interpessoais e o compartilhamento da música preferida de cada participante trabalhadas no processo grupal fortaleceram as relações ali existentes. No fechamento da 8ª sessão, o grupo cantou a música “Carinhoso”, de Pixinguinha, na primeira pessoa do singular. Cada participante dedicou a música a si mesmo:

*Meu coração não sei porque bate feliz quando me vê.
E os meus olhos ficam sorrindo e pelas ruas vão me seguindo.
Mas mesmo assim fujo de mim.
Ah eu soubesse como sou tão carinho e o muito muito que me quero.
E como é sincero o meu amor eu sei que eu não fugiria mais mim.
Venho, venho, venho sentir o calor dos lábios meus a procura de mim.
Venho matar essa paixão que me devora o coração e só assim então
Serei feliz bem feliz.*

CARINHOSO

Na primeira pessoa do singular

Pixinguinha (1897-1973) e
João de Barro (1907-2006)

Meu co - ra - ção não sei por - que ba-te fe - liz

7
— quan-do me vê e os meus o - lhos fi-cam sor - rin - do e pe-las ru - as vão me se-

13
guin - do mas mes - mo as - sim fu-jo de mim Meu co-ra - mim Ah! Se cu sou -

19
bes-se co-mo sou tão ca - ri - nho-so e o mui - to mui - to que me que-ro e co-mo é sin -

23
ce-ro o meu a - mor, eu sei que eu não fu-gi-ri-a mais de mim, ve-nho, ve-nho, ve-nho Ve -

28
- nho sen-tir o ca - lor dos lá - bios meus à pro-cu-ra de

33
mim ve-nho ma - tar es-sa pai - xão, que me de - vo - ra o co - ra -

38
ção e só as-sim en - tão, se-rei fe - liz, bem fe - liz. Meu co - ra - liz.

A partir da 9ª sessão, a sinergia e coesão grupal se fizeram mais presentes por meio do processo musicoterapêutico. As atividades foram validadas tomando-se por base o reconhecimento e a autoaceitação de cada participante como membro da equipe. Na improvisação musical ocorrida na referida sessão, eles se comportaram de forma integrada, partilhando ao mesmo tempo as mesmas canções, validando a equipe.

Bruscia (2000) esclarece que a validação pode acontecer de duas maneiras: 1- Na escuta musical, a forma como o cliente se sente é validada pelo que a música está expressando. É como se a própria música dissesse ao cliente: “É, essa é a forma como você está se sentindo” (p.77). 2- A música valida por tranquilizar e oferecer apoio, pois cria um ambiente envolvente e faz com que o cliente se sinta seguro. No processo grupal em questão, os dois tipos de validação aconteceram quando o ato de fazer música em conjunto mostrou interação e sinergia e também quando cada participante se sentiu acolhido dentro do grupo. Esse acolhimento validou a permanência e a valorização de cada um na equipe.

A 10ª sessão foi marcada pelo compartilhamento referente às mudanças ocorridas no processo. Todos os participantes relataram o quanto foi importante trabalhar o relacionamento interpessoal. Assim, o fazer musical contribuiu para a quebra de paradigmas (MORIN, 2007).

Ao final do processo, uma participante relatou que, antes de vivenciar e de conhecer a musicoterapia, ela não acreditava que as relações interpessoais poderiam ser trabalhadas em uma equipe. Essa participante acreditava que as “relações interpessoais” não eram algo para se trabalhar em um ambiente profissional e que, nesse espaço, a pessoa estaria apenas para cumprir ordens. Depois do processo, essa participante expôs em seus relatos o quanto esse trabalho “mudou a mente” dela: “Durante este momento (da realização da pesquisa) foi importante e de grande valia compartilhar um problema que foi desenvolvido na equipe [...]. Concordo que devemos nos esforçar e termos abertura para tentar reverter e melhorar a relação pessoal e esta certamente permite a fluidez, flexibilidade, respeito e ética no trabalho” (Lídia).

O desenvolvimento da competência interpessoal aconteceu de forma natural e espontânea. O trabalho musicoterapêutico, embasado na teoria da complexidade, promoveu a reflexão, o que desenvolveu a iniciação à lucidez. Morin (2010a) esclarece que a iniciação à lucidez é inseparável de uma iniciação à onipresença do problema do erro. A iniciação à lucidez para a equipe em questão só aconteceu quando os membros reconheceram os problemas e os erros a serem trabalhados. Dado esse reconhecimento, foi possível encarar os conflitos existentes na equipe e a vontade de melhorar ou até mesmo solucionar esses problemas. O trabalho musicoterapêutico clarificou as idéias e mostrou, à luz da teoria da complexidade, ser possível ocorrerem mudanças na maneira de pensar quando existe abertura e lucidez para que isso aconteça.

Morin (2010a) atesta que “a aprendizagem da compreensão e da lucidez, além de nunca ser concluída, deve ser continuamente recomeçada” (p. 53). Assim, a utilização do pensamento complexo deve ser estimulada procurando-se mostrar as relações e inter-retro-ações entre cada fenômeno e seu contexto, ou seja, as relações de reciprocidade todo/partes: como uma modificação local repercute sobre o todo e como uma modificação repercute sobre as partes: “Trata-se, ao mesmo tempo, de reconhecer a unidade dentro do diverso, o diverso dentro da unidade; de reconhecer, por exemplo, a unidade humana em meio às diversidades individuais e culturais, as diversidades individuais em meio à unidade humana” (p.25). Para o trabalho musicoterapêutico dessa equipe foi possível perceber as mudanças ocorridas na relação entre as partes (unidade) e o todo (o diverso), sendo que cada uma das partes (participantes) reforçou a existência e permanência do todo (a equipe/ a instituição).

As expectativas para a realização desta pesquisa foram cumpridas, especialmente pela integração entre a teoria da complexidade e a musicoterapia. Por meio da musicoterapia foi possível estimular a reflexão de cada participante com base na teoria da complexidade.

Este trabalho teve a intenção de provocar uma mudança na maneira de pensar e agir de professores de arte da rede pública estadual de ensino. Acredita-se que tais mudanças na maneira de pensar ocorram nos alunos se, primeiramente, elas ocorrerem nos professores. Para tanto, teve-se um foco na quebra de paradigmas em relação ao ensino da arte. A reflexão, por meio da vivência musicoterapêutica, favoreceu tais mudanças na mente dos professores.

No final da pesquisa, os participantes, por meio do fortalecimento das relações interpessoais ocorridas, melhoraram a consciência no tocante à importância do ensino da arte e da necessidade da reflexão. Essa abertura possibilitou, sem dúvida, nova consciência na equipe.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho musicoterapêutico realizado por meio desta pesquisa trouxe contribuições não apenas à equipe de professores participantes, mas também a mim - pesquisadora/autora. Por tratar de reflexões e considerações acerca do caminho percorrido como investigadora em âmbito pessoal e profissional, passo a me colocar em primeira pessoa

Justamente por acreditar na educação como fonte de transformação, posso dizer que a realização deste trabalho mudou também minha maneira de pensar. Pude compreender que questões relacionadas à solidariedade humana, ao respeito às diferenças, à aprendizagem compartilhada e à ética reforçaram o “Eros” (MORIN, 2010a) pela educação.

Morin (*Op. Cit.*) afirma que “o *Eros* permite dominar a fruição ligada ao poder, em benefício da fruição ligada à doação” (p.102). Então, o “Eros” pelo ensino possibilitou a fruição porque houve doação. Assim entendida, a doação passou a ser vivenciada e compartilhada não apenas pela utilização do ensino em si, mas pela reflexão das ideias trazidas pelo pensamento complexo relacionadas com o despertar da solidariedade, da compreensão e condição humana, da ética, do respeito à diversidade e à interiorização da tolerância.

O compartilhar de ideias ocorrido no processo musicoterapêutico da equipe em questão, provocou transformações que, com certeza, influenciaram todos os envolvidos. Oportunizou também mudanças para uma nova prática de ensino voltada à valorização e à compreensão do ser humano.

A utilização do pensamento complexo influenciou na elucidação das mentes no processo musicoterapêutico e refletiu positivamente em mudanças. Em consequência, foi possível ligar o que estava isolado (as partes ao todo e o todo às partes). Depois da realização desta pesquisa ficou evidente o desenvolvimento de uma “democracia cognitiva” entre os participantes, o que só foi possível com a reorganização do saber apoiada na reforma do pensamento.

Assim ocorrendo, isto é, pela reforma do pensamento desenvolvida na equipe em questão, tem sido possível o desenvolvimento de novas práticas pedagógicas em arte com vista à educação transformadora centrada em questões, tais como: condição

humana, desenvolvimento da compreensão, da sensibilidade e da ética, diversidade cultural, pluralidade dos indivíduos e no privilégio da construção de um conhecimento de natureza transdisciplinar, envolvendo as relações indivíduo-sociedade-natureza. À luz dessas concepções inspiradas em Morin (2011b), entendo que esta seja a condição fundamental para a construção de um futuro viável para as gerações presentes e vindouras.

Após a realização deste estudo, os conceitos relativos à musicoterapia, competência interpessoal, desenvolvimento de equipe, complexidade, entre outros, expostos neste trabalho, foram repensados por mim. Por meio da realização desta pesquisa, pude perceber, na prática, os conceitos apresentados no trabalho escrito. Frente à prática, notei que ter o complexo não se trata de algo simples; é necessário, antes tudo, ter disposição para mudanças. A equipe com a qual trabalhei se dispôs a passar por mudanças por meio do processo musicoterapêutico. Tais mudanças refletiram nova maneira de pensar e agir, principalmente no desenvolvimento da competência interpessoal dentro do grupo e fora dele.

Este trabalho despertou, em todos os envolvidos, aspectos voltados para a valorização e compaixão do ser humano. Morin (2010a) nos convoca a olhar para o outro com um olhar de amor e compaixão. Em consonância com esse pensamento, Boff & Hathway (2012) afirmam que “a compaixão implica um *alargamento do eu*, permitindo que *o amor e o cuidado* fluam naturalmente através da extensão do nosso ser” (p.189).

No decorrer do processo musicoterapêutico, a partir do momento em que foram examinadas mais profundamente as necessidades de cada um, em concomitância com a necessidade do outro, pude perceber o *alargamento do eu*, pois os espaços se abriram, tornando possível estabelecer interconexões e laços uns com os outros (*o amor e o cuidado*). Então, comecei a buscar maneiras de alimentar a compaixão, de construir uma equipe e de desenvolver a solidariedade.

Com o reconhecimento e a vivência das emoções proporcionadas pelas canções e expressões sonoro-musicais viabilizadas no processo terapêutico, os participantes e eu começamos a buscar melhor entendimento da participação na instituição, formas de nos relacionar com os colegas de equipe, bem como novas estratégias que poderão contribuir para guiar novas (re)ações.

Dissertação 118 f. (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Escola de Música e Artes Cênicas, 2010.

CASTILHO, A. **A dinâmica do Trabalho de Grupo**. 3ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1998.

CAVACO, M. H. Ofício do professor: o tempo e as mudanças. Em A. Nóvoa, (Org.). **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1995.

CHAGAS, M. C. O. **Processos de subjetivação na música e na musicoterapia**. Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2007.

CHAGAS, M. C. O; PEDRO, R. **Musicoterapia: desafios entre a modernidade e a contemporaneidade - como sofrem os híbridos e como se divertem**. Rio de Janeiro: Mauad X Bapera, 2008.

COSTA, C. M. **O despertar para o outro**. São Paulo: Summus, 1989.

DUARTE, J.,J.F. **Porque Arte-Educação?** 22^a ed.Campinas: Papirus, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, V. B. (Org.). **Horizontes da pesquisa em música**. 1^o ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

GARDNER, H. **Frames of Mind: A teoria das inteligências múltiplas**. New York: Basic Books, 2001.

GOERGEN, P. **Pós-Modernidade, Ética e Educação**. 2^a ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

GONÇALVES, C.S.; WOLFF, J.R.; ALMEIDA, W.C. **Lições de psicodrama: introdução ao pensamento de J.L.Moreno**. 5^a ed. São Paulo: Ágora, 1998.

KATZENBACH, J. e SMITH, D. **Equipes de alta performance: conceitos, princípios e técnicas para potencializar o desempenho das equipes**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2001.

LAPO, F. R. **Professores retirantes: um estudo sobre a evasão escolar de professores do magistério público de São Paulo (1990-1995)**. São Paulo, 1999. Dissert. (mestrado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

LARROSA, J. **Pedagogia profana – danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte:Autêntica, 2004.

LEÃO, E. Por que estudar música? **Revista da ADULF**, nº6, 2001.

MAILHIOT, G.T. **Dinâmica e Gênese dos grupos**. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

MASETTO, M. T. **Competência Pedagógica do Professor Universitário**. 4ª. Reimpressão; Editora Sammus editorial; São Paulo, 2003.

MALUSÁ, S. e MONTALVO, Márcia R.S. Saberes contemporâneos e docência universitária. **Educação e Filosofia**. Uberlândia, Vol.19, nº37, jan./jun 2005.

MATTES; THEOBALD. (Org.). **Ensino e cultura contemporânea**. 1 ed. Fortaleza: EDUFC, 2010.

MILLECCO FILHO, L. A.; BRANDÃO, M. R. E.; MILLECCO, R. P. **É preciso Cantar-** Musicoterapia, cantos e canções. Rio de Janeiro: Enelivros, 2001.

MINAYO, M. C. S. (Org); DESLANDES, S.F.; GOMES, R. **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. 26. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010a.

_____. **Para onde vai o mundo?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010b.

_____. **Rumo ao abismo?** Ensaio sobre o destino da humanidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011a.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2011b.

_____. **O Método 4 - as idéias:** habitat, vida, costumes, organização. Trad. De Juremir Machado da Silva. 4ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

_____. **A religação dos saberes:** o desafio do século XXI. SP. Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MORIN, E; LE MOIGNE, J. L. **A Inteligência da Complexidade**. São Paulo: Petrópolis, 2000.

MORAES, M. C. **Ecologia dos Saberes:** Complexidade, transdisciplinaridade e educação: Novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais. São Paulo: Antakarana/ WHH- Willis Harman House, 2008.

MOSCOVICI, F. **Desenvolvimento interpessoal:** treinamento em grupo. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Olympio, 2009.

MOSCOVICI, F. **Equipes Dão Certo**. 11ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Ed. 2007.

NICOLESCO, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. Trad. Lúcia Pereira de Souza. 3ª ed. São Paulo: Triom, 2005.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. *In: O professor pesquisador e reflexivo*. TVE Brasil –Salto para o futuro, Rio de Janeiro, 13 set. 2001. Disponível em

<<http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/entrevistas/default.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2011.

OLIVEIRA, D. P. R. **Sistemas, Organização e Métodos**. São Paulo: Atlas, 2001.

OLIVEIRA, H. CHAGAS, M. **Corpo Expressivo e construção de Sentidos**. Rio de Janeiro: Mauad X: Bapera, 2008.

PETRAGLIA, I. Sete idéias norteadoras da relação educação/complexidade. In: ALMEIDA, C.; PETRAGLIA, I. (Org.). **Estudos de complexidade**. São Paulo: Xamã, 2006, p. 23-36.

PETRAGLIA, I. C.; VASCONCELOS, M. A. F. C. Educação e ética planetária. **Cadernos de Pós-Graduação (UNINOV)**, v. 8, p. 65-74, 2009.

PETRAGLIA, I. C; Morin E. **A educação e a complexidade do ser e do saber**. 6 ed. Riode Janeiro: Vozes, 2001.

PIAZZETTA, C. M. de F.; CRAVEIRO DE SÁ, L. Contribuições da Teoria da Complexidade à Construção do Campo Teórico da Musicoterapia. In: **SIMPÓSIO BRASILEIRO DE MUSICOTERAPIA**, 12, 2006, Goiânia. Anais Online. Goiânia, 2006. Disponível em: <http://www.sgmt.com.br/anais/p05temalivrecomoral/TLCO02piazzetta&Craveiro_Anais_XIISBMT.pdf>. Acesso em: 16 nov 2009.

REVISTA BRASILEIRA DE MUSICOTERAPIA, n.2. **Definição de musicoterapia**. Rio de janeiro: UBAM, 1996.

RIOS, T. A. **Compreender e Ensinar - Por uma docência da melhor qualidade**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ROBBINS, S. P. **Comportamento Organizacional**. 9ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002.

RODRIGUES, R. A. **Música e movimento numa abordagem metodológica de Carl Orff**. Curso ministrado no Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte- SEDUC: Secretaria Estadual de Educação de Goiás. Goiânia, 2004.

RUUD, E. **Caminhos da Musicoterapia**. São Paulo: Summus, 1990.

SANTOS, A. **Didática sob a ótica do pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SANTOS, B. S. **A crítica da razão indolente: Contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, J. F. **O que é pós- moderno**. São Paulo. Brasiliense 1991.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA. **Orientações curriculares para o ensino médio, 2006**, http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01

SEDUC: Secretaria de Estado e Educação de Goiás. **Caderno nº 5**. Reorientação Curricular do 1º ao 9º ano: Currículo em Debate/Matrizes Curriculares, 2009.

VEIGA, I. P. A. Projeto político pedagógico: continuidade ou transgressão para acertar? In: CASTANHO, Sérgio; CASTANHO, Maria Eugênia L. M. (Orgs). **O que há de novo na educação superior**. Do projeto pedagógico à prática transformadora. Campinas: Papirus, 2000.

VON BARANOW, A. L. V. M. **Musicoterapia: Uma Visão Geral**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999.

ZAMPRONHA, M. L. S. **Da música, seus usos e recursos**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

ZANINI, C.R.O; MUNARI, D.B; COSTA, C.O. **Proposta de Protocolo para Observação de Grupos em Musicoterapia**. XIII SIMPÓSIO BRASILEIRO DE MUSICOTERAPIA, XI FÓRUM PARANAENSE DE MUSICOTERAPIA E IX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MUSICOTERAPIA, 2009. Anais. Curitiba:Griffin,2009.Disponível:<https://docs.google.com/fileview?id=0B73Xng5XEkFNWExYTM2ZDktZDk5MS00NTdkLTNmNjktMzhmNTc5ZTg2MTFj&hl=pt_BR > Acesso: 07/06/2011.

ANEXOS

ANEXO 1

Documento de aprovação do projeto pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás.

PROTOCOLO Nº 333/2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

PARECER CONSUBSTANCIADO

I – Título do projeto: *Musicoterapia e Competência Interpessoal -Proposta de atuação com Professores de Arte da Rede Pública Estadual de Ensino.*

Pesquisador Responsável: Roberta Borges dos Santos. <http://lattes.cnpq.br/3949646950531266>
Instituição: Universidade Federal de Goiás – Escola de Música e Artes Cênicas.

Instituição onde será realizado o estudo: Universidade Federal de Goiás – Escola de Música e Artes Cênicas.

Data de apresentação ao CEP: 19/11/2010.
Atendimento da pendência: dez. 2010

Pendências apontadas anteriormente: (listar as pendências)

- Apresentar junto aos critérios de inclusão, os critérios de exclusão dos sujeitos,
- Apresentar nova forma de abordagem e recrutamento;
- Atender às solicitações feitas no item IV – Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido:

Solicitamos informar no documento: a participação do sujeito como voluntário – sem custos ou compensação financeira; informar de possíveis riscos e garantir a possibilidade dos sujeitos manifestarem qualquer desconforto nas entrevistas.

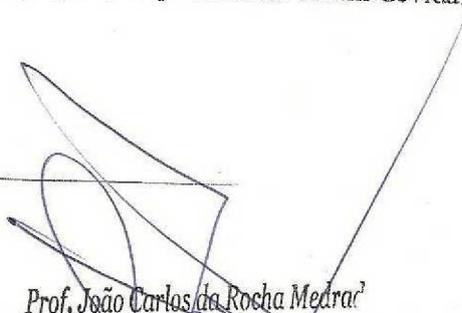
Apresentar neste documento (TCLE) garantias de que os dados coletados serão empregados somente na presente pesquisa, e que serão guardados por, no máximo, um período de 5 anos, sendo depois fragmentados.

VI – Parecer do COEP: Após análise do projeto, as pendências foram devidamente atendidas. Assim sendo Aprovado

VI – Data da reunião: 28/02/2010

Assinatura do relator:

Assinatura do Coordenador/CEP


Prof. João Carlos da Rocha Medra

ANEXO 2**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), de uma pesquisa. Meu nome é Roberta Borges dos Santos e minha área de atuação é musicoterapia. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine no final deste documento que está em duas vias. Uma das vias é sua e a outra é do pesquisador responsável.

Em caso de recusa, você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida, você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás pelo telefone 3521-1075 ou 3521-1076.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Musicoterapia e Competência Interpessoal - Proposta de atuação com Professores de Arte da Rede Pública Estadual de Ensino.

Pesquisador Responsável:

Roberta Borges dos Santos.

Telefone para contato (inclusive ligações a cobrar):

(62) 35211125/ (62) 32031830

Descrição da pesquisa :

Este projeto, intitulado Musicoterapia e Competência Interpessoal - Proposta de atuação com Professores de Arte da Rede Pública Estadual de Ensino, será realizado no Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte, em Goiânia - GO. Justifica-se a realização deste trabalho devido a observações feitas em relação à existência de dificuldades de relacionamento interpessoal no ambiente escolar na rede do ensino público. Propõe-se com esta pesquisa um trabalho musicoterápico com professores de arte de escolas públicas estaduais, visando ao desenvolvimento da competência interpessoal, tendo por base autoconhecimento, a fim de promover maior integração com os grupos de trabalho existentes na escola, buscando-se a autoconfiança e a conscientização do professor acerca da importância de se ensinar arte, pois, através dela, o aluno se desenvolve como ser reflexivo interagindo de forma positiva consigo mesmo, com a escola e com a sociedade. O objetivo geral é desenvolver uma pesquisa sobre a relação entre a musicoterapia e o desenvolvimento da competência interpessoal nos professores de arte da rede pública estadual de ensino utilizando-se atendimentos musicoterápicos. Serão feitos atendimentos musicoterápicos com um grupo de professores de arte que queira trabalhar o desenvolvimento das relações interpessoais dentro do ambiente escolar. Será formado um grupo heterogêneo quanto a idade e sexo. Serão aplicados questionários no início e final da pesquisa para melhor detalhamento e coleta de dados. Os participantes terão atendimentos de musicoterapia uma vez por semana, com duração de uma hora e

meia. Serão utilizadas, durante os atendimentos, técnicas musicoterápicas integradas, como: improvisação musical livre, composição, audição e recriação. Só participarão professores de arte que estejam ativos, que tiverem interesse no projeto e que assinarem este termo de consentimento. As sessões poderão ser filmadas. No entanto, as identidades dos participantes não serão divulgadas, e os vídeos terão tratamento especial para camuflar as identidades dos envolvidos. Os relatórios que discutirão os comentários das sessões e a participações dos sujeitos envolvidos terão numeração no lugar de nomes (ou utilizarão iniciais dos nomes dos envolvidos). Será garantido ao participante deixar a pesquisa quando sentir necessidade. Será garantido também que os sujeitos terão satisfação com as atividades programadas. Por se tratar de um trabalho voluntário, os participantes não terão custos ou compensação financeira durante a realização da pesquisa. Os dados coletados serão empregados apenas na presente pesquisa e serão guardados no máximo por um período de cinco anos, sendo depois fragmentados. Quanto aos possíveis riscos de desconforto no decorrer das entrevistas, preenchimento dos questionários ou atendimentos musicoterápicos, o participante poderá manifestar o desejo de deixar a pesquisa.

Nome e Assinatura do pesquisador _____

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____ RG/ _____ CPF/ _____
 _____ abaixo assinado, concordo em participar do estudo Musicoterapia e Competência Interpessoal-Proposta de atuação com Professores de Arte da Rede Pública Estadual de Ensino na condição de sujeito. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo(a) pesquisador(a) ROBERTA BORGES DOS SANTOS, sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso me retirar da pesquisa a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade ou interrupção no atendimento à instituição.

Local e Data:

Nome e assinatura do sujeito:

ANEXO 3**FICHA MUSICOTERÁPICA: (aplicada no início da pesquisa)****DADOS PESSOAIS**

Nome _____

Data de Nascimento _____ Sexo _____

Natural de _____

Estado Civil _____

Profissão _____

DADOS MUSICAIS

1 - Costuma ouvir música? () SIM () NÃO

2 - Com que frequência? () Muita () Pouca

3 - Como costuma ouvir música?

() Rádio () Gravador () TV () CD () LP () ao vivo

4 - Você ouve música

() Fazendo outras atividades

() Com atenção total

() Apenas ouvindo

() Acompanhando com o corpo

() Acompanhando cantando

() Assobiando

() Acompanhando com o instrumento

5 - Já obteve algum aprendizado musical? () SIM () NÃO

6 - Em caso afirmativo, qual foi?.....

7 - Costuma participar de festas? () SIM () NÃO

8 - Já assistiu a apresentações musicais? () SIM () NÃO

9 - Que tipo de música você gosta de ouvir?

() cantada (vocal) () instrumental

10 - Que tipo de música você prefere ?

- () Erudita () Estrangeira () MPB () Outras
() Religiosa () Folclórica () Sertaneja

11 - Você presta mais atenção

- () na letra () na música

12 - Quais os cantores que você prefere?

.....

13 - Quais os cantores de que você não gosta?

.....

14 - Quais os instrumentos musicais que lhe agradam?

.....

15 - Quais os instrumentos musicais que lhe desagradam?

.....

16 - Quais os ruídos ou sons que lhe agradam?

.....

17 - Quais as canções infantis de que você mais gosta?

.....

18 - Cite suas músicas prediletas.....

.....

19 - Você gostaria de participar de um grupo de musicoterapia?

.....

20 - O que você acha da influência da música na vida do indivíduo?

.....

.....

.....

Data do preenchimento da ficha:/...../.....

ANEXO 4**QUESTIONÁRIO 1 (aplicado no início da pesquisa aos professores participantes))**

Nome: _____

1)- Como você está em seu momento de vida atual? (Física e emocionalmente.)

2)- O que você espera do trabalho de musicoterapia grupal a ser realizado dentro de seu ambiente de trabalho?

3) Como você se relaciona com os colegas de trabalho e com seus alunos dentro do ambiente escolar?

4) Como você avalia suas competências interpessoais hoje?

ANEXO 5**QUESTIONÁRIO 2 (aplicado no final da pesquisa aos professores participantes)**

Nome: _____

- 1)- Como você está em seu momento de vida atual? (Física e emocionalmente)

- 2)- Como foi para você participar de um grupo de musicoterapia dentro de seu ambiente de trabalho?

- 3) Como você percebeu seu relacionamento com os colegas de trabalho e com seus alunos no decorrer e no final do processo musicoterápico?

- 4) Como você avalia suas competências interpessoais hoje, após a finalização do processo musicoterápico?

FIGURA 1: Matriz Curricular de Artes Visuais (SEDUC,2009 p.45).

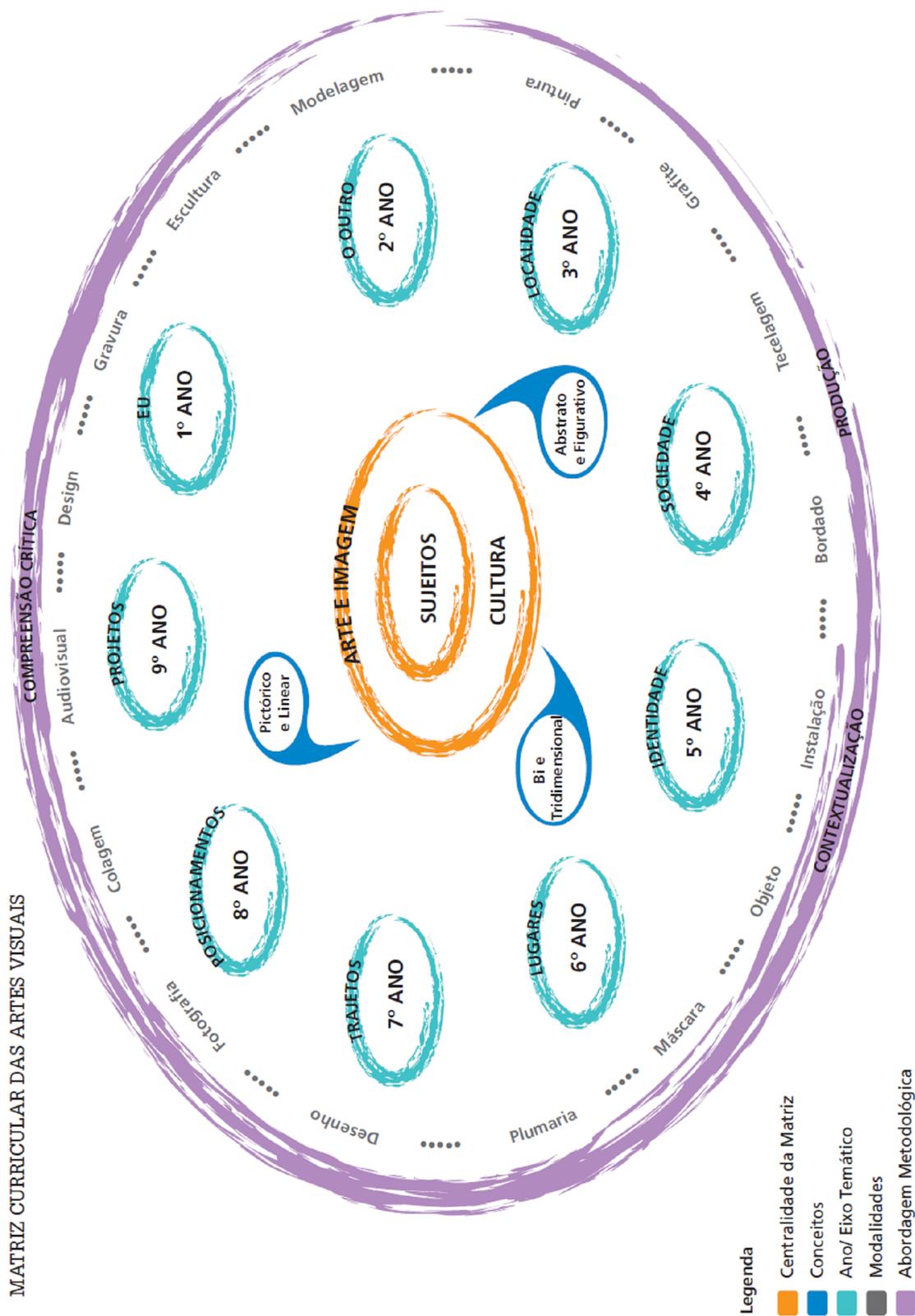


FIGURA 2: Matriz Curricular de Dança (SEDUC,2009 p.52).

